

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

ALESSANDRA XAVIER BUENO

**CORPOS EM MOVIMENTO NA CIDADE:
UMA *FLANÉRIE* PELA AVENIDA PAULISTA**

Porto Alegre

2018

ALESSANDRA XAVIER BUENO

**CORPOS EM MOVIMENTO NA CIDADE:
UMA *FLANÊRIE* PELA AVENIDA PAULISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção de título de mestre.

Área de concentração: Saúde Coletiva
Linha de Pesquisa: Saúde, Sociedade e Humanidades
Orientador: Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Bueno, Alessandra Xavier
Corpos em Movimento na Cidade: uma Flanêrie pela
Avenida Paulista. / Alessandra Xavier Bueno. -- 2018.
62 f.
Orientador: Alcindo Antônio Ferla.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Corpo. 2. Cidade. 3. Saúde Coletiva. 4. Práticas
Corporais. I. Ferla, Alcindo Antônio, orient. II.
Titulo.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alessandra Xavier Bueno

Corpos em Movimento na cidade: uma *flanêrie* pela avenida paulista

Aprovado em 18 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Bezerra Gomes - UFPB

Prof. Dr. Daniel Canavese de Oliveira – UFRGS

Dra. Giliane Dessbesell – SMED POA/RS

Orientador – Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Foram muitas pessoas que caminharam comigo durante o percurso deste trabalho, mas um agradecimento especial ao meu orientador e amigo Alcindo Antônio Ferla, que mesmo no meio dos temporais da vida, me ajudou a entender que ainda há vida (e potência) – combustível para completar a etapa de estudo que culmina neste texto.

À professora Érica Duarte Mallman que me acolheu como filha e foi um braço forte de sustentação para eu seguir adiante (Nunca esquecerei das noites de conversa e da Lentilha *á moda da casa*).

À querida Renata Trepte por compartilhar alegrias e tristezas, risadas que nos faziam chorar (de rir) e choro que nos ajudavam elaborar a vida (para voltar a sorrir).

À todas aquelas que não nomeei aqui, mas que me acompanharam durante este tempo de mestrado e que guardo o carinho nas lembranças.

Muito obrigada.

RESUMO

Introdução: As relações entre o corpo e a cidade são objetos de estudo de vários campos disciplinares e, ao mesmo tempo, produzem diferentes planos de análise. Objetivo: Este trabalho teve por objetivo identificar sentidos e analisar conexões na relação entre corpo e cidade, tendo a experiência empírica da pesquisadora na avenida Paulista como suporte contextual para a produção do texto. Métodos: Partindo da pergunta “como a experimentação da cidade e os efeitos no “corpo-pesquisadora” produzem conhecimento em saúde?”, a pesquisadora se utiliza da imagem conceitual do flâneur como figura sensível que inspira o modo de olhar a cartografia, modo este em que a escrita é produzida e que configura uma metodologia de pesquisa. Neste texto também é problematizado o processo de abertura para uma escrita cartográfica e os anseios produzidos a partir de uma formação pautada na ciência positivista. As principais contribuições teóricas estão no campo da saúde coletiva, das ciências sociais e humanas e das ciências do movimento. Resultados: No primeiro capítulo, “A pesquisadora: sujeito ou objeto de pesquisa?”, é posta em análise as sensações e memórias da pesquisadora ao se propor a uma “outra escrita acadêmica”. No segundo capítulo intitulado “A caminhada e o olhar pela flânerie”, a pesquisadora faz as primeiras aproximações de sua experiência na avenida Paulista em diálogo com alguns autores. No terceiro capítulo descreve sobre as inspirações metodológicas. No quarto capítulo “Domingo de sol na Paulista”, a pesquisadora explora cenas da experiência como fragmentos que vão se unindo para compor a produção do conhecimento. No último capítulo, antes das considerações finais, intitulado “Corpos em Movimento e Diversidade”, a pesquisadora produz composições com o conceito de corpografia propondo aberturas para trabalhos futuros. Aplicabilidade: No seu todo, a dissertação apresenta contribuições teóricas e metodológicas para analisar as relações entre o corpo e a cidade, o corpo e a saúde, o corpo e o movimento e a produção social do corpo.

Palavras-chave: corpo, cidade, flânerie, corpografia

ABSTRACT

Bodies in movement in the city: a flâneurie down the Paulista avenue

Introduction: The body and the city are the objects of study in several disciplinary fields and produce different ways of analysis. Objective: This work aimed to identify meanings and analyze connections in the relationship between body and city, from the empirical evidence produced at Paulista Avenue (Sao Paulo-Brazil), as contextual support to produce the writing of experience. Methods: Departing from the question "how do the experimentation of the city and the effects on the "body-researcher" produce knowledge in health?", the researcher uses the conceptual image of the *flâneur* as a sensitive figure, inspiring the way of Deleuzian cartography, in which writing is produced and that configures a research methodology. This dissertation also questions the "cartographic writing" and the desires that emerged in positivist science. The main theoretical contributions of the research are in the fields of collective health, social and human sciences, and movement science. Results: The results were presented in chapters. The first chapter analyzes the senses and memories of the researcher when she proposed "another academic writing". In the second chapter, "The walk and the flâneurie gaze", the researcher covers her experiences in Paulista Avenue in dialogue with some authors. In the third chapter, she describes the methodological inspirations. In the fourth chapter, "Sunny Sunday at Paulista Avenue", the researcher explores scenes from her experience as fragments that will come together to compose the production of knowledge. In the last chapter, before the final considerations, entitled "Bodies in Movement and Diversity", the researcher analyses her experience through the lens of the corpography concept, leading to new propositions for future works. Applicability: As a whole, the dissertation presents theoretical and methodological contributions to analyze the relations between the body and the city, the body and movement, as well as the social production of the body.

Key words: body, city, flâneurie, embodiment

LISTA DE IMAGENS

<i>Imagem 1: Identidade visual do projeto Observatório Saúde em Movimento</i>	18
<i>Imagem 2: Mapa mostrando o percurso feito na Paulista pela pesquisadora</i>	41
<i>Imagem 3: Ação educativa de trânsito para bicicletas e pedestres na Paulista Aberta</i>	43
<i>Imagem 4: Slackline no cruzamento da Paulista em dia de Paulista Aberta</i>	44
<i>Imagem 5: Meninas do slackline no vão da Paulista em dia de Paulista Aberta</i>	45
<i>Imagem 6: Grupo de jovens dançando na Paulista Aberta</i>	47
<i>Imagem 7: Manifestantes em prol das forças armadas</i>	48
<i>Imagem 8: Grupo espontâneo de dança na Paulista Aberta conduzido por uma mulher</i>	50

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
A PESQUISADORA: SUJEITO OU OBJETO DE PESQUISA?	12
SOBRE OUTRAS LEMBRANÇAS DE PESQUISA	15
A MORTE DA PESQUISADORA (30.07.2018)	19
A CAMINHADA E O OLHAR PELA <i>FLÂNERIE</i>.....	24
CAMINHADA METODOLÓGICA.....	33
DOMINGO DE SOL NA PAULISTA.....	40
CORPOS EM MOVIMENTO E DIVERSIDADE	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

PRÓLOGO

A Menininha

Era uma vez uma menininha bem pequenininha que começou a frequentar uma casa bem grande. Era uma escola, mas para ela era como se fosse um castelo encantado, povoado de fadas e duendes onde sua imaginação corria solta.

Uma manhã, a professora (para ela quem sabe, a fada madrinha) disse com voz doce:

- Hoje nós vamos fazer um desenho.

Que legal, pensou a menininha. Ela gostava de desenhar bichos, super-heróis, casas, barcos...

Pegou a caixa de lápis de cor e começou a desenhar com entusiasmo. Mas, a voz da professora, já não tão doce, interrompe sua viagem na fantasia.

- Esperem, só vamos começar quando todos estiverem prontos.

- Agora sim – diz a professora – nós vamos desenhar flores.

A menininha novamente, pegou seus lápis coloridos e começou a desenhar flores azuis, amarelas, laranjas. Mas, novamente, a voz da professora, agora metálica como tesoura, corta o seu barato.

- Esperem, vou mostrar como se faz uma flor. E desenha uma flor vermelha de caule verde.

- Assim que se faz, diz a professora – agora podem começar.

A menininha olha para suas flores, gostou mais das suas, mas não podia dizer isto. Virou o papel e desenhou uma flor igual à da professora – vermelha com caule verde.

Outro dia, a menininha estava em aula ao ar livre, céu aberto, brisa fresquinha, cenário ideal para ser feliz. A professora, já não tão fada, mas, quem sabe, uma boa madrinha, fala com voz pausada.

- Hoje iremos fazer alguma coisa com barro.

Ah! Que legal, eu adoro brincar com barro – pensou a menininha. Foi logo imaginando quanta coisa podia fazer: tartaruga, patinhos, bolinhas de gude...

Começou logo a juntar e amassar a bola de argila que estava na sua frente.

- Esperem, não é hora de começar, disse a professora, vamos esperar que todos estejam prontos.

- Agora podemos começar. Nós iremos fazer um prato.

Um prato também pode ser legal, pensou resignada a menininha, posso fazer um para dar comida para o meu gatinho, ou um bem pequenininho para o meu periquito.

- *Esperem, vou mostrar como se faz*, diz a voz enfática daquela que sempre sabe como fazer (a professora).

E fez um prato grande e fundo.

A menininha olhou para o prato da professora e olhou para seu pratinho que já tinha saído entre seus dedinhos enquanto imaginava.

Gostou mais do seu, mas não podia dizer isto. Amassou seu barro numa grande bola e fez um prato grande e fundo, como o da professora.

E muito cedo, a menininha aprendeu a olhar e a esperar, e a fazer as coisas exatamente como as da professora.

E muito cedo, ela desaprendeu a fazer as coisas por si própria.

E aconteceu que um dia, a menininha um pouco mais crescida, teve que mudar de escola. Uma escola maior do que a primeira, para ela, nenhuma fantasia de castelo encantado, mas era uma escola bonita.

Um dia, a nova professora dá o seu recado:

- *Gente, hoje nós vamos desenhar!*

Que bom, pensou a menininha, com menos entusiasmo que antes, mas ele ainda gostava de desenhar, ou melhor, copiar os desenhos da professora.

E a menininha ficou caladinha, rosto apoiado nas mãos, esperando que a professora dissesse o que fazer.

Mas ela não disse, apenas passeava pela sala, olhando cada um com seu doce olhar.

Até que chega a menininha e pergunta:

- *Você não quer desenhar?*

- *Quero sim, mas o que vamos fazer?*

- *Eu não sei, você é que deve saber.*

- *Mas, como eu posso fazer?*

- *Da maneira como você gostar.*

- *E de que cor?*

- *Se todo mundo fizesse o mesmo desenho e usasse as mesmas cores, como eu iria saber qual é o desenho de cada um?*

- *Eu não sei* – responde a menininha, balançando negativamente a cabeça.

Pega seu lápis de cor e desenha uma flor vermelha com caule verde.

TEXTO DE HELEN E. BUCKLEY
Adaptação de Terezinha Araújo
Com uma mexidinha de Alessandra Bueno



— Ce —
set 2018

INTRODUÇÃO

Este texto é puro movimento. Foi escrito também com minhas pernas. Conta de um processo que iniciou com a entrada no mestrado em Saúde Coletiva e que perturbou o corpo-pesquisadora. Nasceu junto com o impeachment da primeira mulher a ser presidente do Brasil e se encerra a duas semanas do término das eleições presidenciais, disputada entre o fascismo e a democracia. Não houve a menor pretensão de que este trabalho não fosse perturbação.

Lembrando de Maturana a partir da imagem conceitual de autopoiese, “aquilo que vem de fora, não determina ou instrui o que acontece internamente num sistema vivente, mas apenas perturba, disparando processos que são auto-reguladores” (PELLANDA, 2009, p.22). Utilizo essa ideia como metáfora para compor esse texto. Ele também é político. Não só pelo momento político brasileiro ter produzido perturbações em mim enquanto alguém que necessita olhar para a sociedade enquanto pesquisadora, mas também porque exercita um outro modo de produzir conhecimento em relação à ciência positivista, especialmente no campo da saúde. Maturana nos lembra que “a cognição é inseparável do processo de viver e não pode ser considerada fora dessa condição”(PELLANDA, 2009, p.26).

O objetivo deste trabalho foi encontrar sentidos e analisar conexões na relação corpo e cidade – sentidos e conexões que são produzidos a partir da experimentação do corpo-pesquisadora. Composto por cinco capítulos, este texto ensaístico apresenta as aproximações teóricas da pesquisadora em um “novo caminhar” pelo mundo da produção do conhecimento permeado por uma escrita cartográfica. O primeiro capítulo traz a problematização de se produzir uma dissertação onde a aprendizagem se faz pela abertura ao estilo de escrita. O segundo, pela composição textual acerca da *flânerie*, onde o *flâneur* de Walter Benjamin é figura sensível que inspira o modo de olhar da cartografia. O terceiro, diz respeito às inspirações metodológicas que compuseram esta caminhada. Caminhada, aliás, que é uma metáfora, mas também o exercício cotidiano para colocar o corpo e o pensamento em movimento, tal qual o *flâneur*. O quarto capítulo conta do objeto: a *flânerie* pela Paulista, os elementos que vibram no corpo e que saltam aos olhos; despertam pensamentos e compõem a produção de conhecimento. Não só o olhar do *flâneur* se faz importante, mas também o ato da

caminhada na perspectiva da resistência, em contraponto à utilidade dos caminhos. O quinto e último, diz respeito à ideia de corpografia apresentada a partir de leituras de Paola B. Jacques que traz sentido à produção de conhecimento a partir da *flânerie*, onde corpo e cidade interagem.

O suporte contextual para este trabalho, ou seja, a experiência empírica escolhida para compor este texto, foi experienciada na avenida Paulista em dia de Paulista Aberta. A Paulista Aberta faz parte do projeto Ruas Abertas da cidade de São Paulo, instituído pelo Decreto Nº 57.086, de 24 de junho de 2016, no qual a Avenida Paulista é apenas uma das diferentes ruas que fecham para os carros e abrem para as pessoas¹.

Esta produção se faz a partir de uma escrita cartográfica inspirada em Suely Rolnik (2011, p.23) que diz que a cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”. Para a autora, as paisagens psicossociais também são cartografáveis, não somente as geográficas. “A tarefa do cartógrafo é dar língua para afetos que pedem passagem”(ROLNIK, 2011, p.23).

¹ O mapa das ruas abertas de SP pode ser visto em: <https://www.ruasabertas.minhasampa.org.br>

A PESQUISADORA: SUJEITO OU OBJETO DE PESQUISA?

Este texto é produção de um segundo mestrado. Mas esse não é um segundo desenho, com os contornos já definidos. É um desenho de descobertas, de novidades, de outras aproximações teóricas e empíricas. Durante os últimos anos dediquei minhas atividades vinculadas à universidade (sejam elas de apoio à projetos, docência ou como pesquisadora) ao tema das práticas corporais na atenção básica do Sistema Único de Saúde (SUS). Durante meu primeiro mestrado, que eu acreditava que seria o único, trabalhei com questões relacionadas ao campo específico da educação física e os sistemas de informação em saúde. Tive a oportunidade de me colocar em exercício de pesquisa documental com um componente empírico oriundo do cotidiano do meu trabalho no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) de um município da região metropolitana de Porto Alegre.

Ao longo dos últimos anos, nas visitas que tive oportunidade de fazer em unidades de Saúde da Família e do Programa Academia da Saúde, por conta das pesquisas de avaliação da atenção básica nas quais eu participava, o tema do urbano e sua relação com a saúde começou a me chamar a atenção. Ao longo do tempo a curiosidade sobre a relação corpo, cidade e saúde se fez mais presente e eu comecei a pensar na possibilidade de produzir um projeto de doutorado com este tema. Objetivamente, essas temáticas, vizinhas da minha formação original, foram atravessando o corpo e mobilizando o desejo, que associei à legenda de uma nova investida na pós-graduação estrito senso.

A busca por um doutorado em saúde coletiva ou saúde pública já era uma certeza desde o término do primeiro mestrado na educação física. A única possibilidade que eu vislumbrava de fazer um doutorado em saúde coletiva sem sair de Porto Alegre, era na UFRGS onde o projeto para a abertura de curso de doutorado já estava sendo construído pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – PPGCOL. Na aposta de que ele poderia acontecer em 2017, em meados de 2016 me inscrevi para a seleção do mestrado na intenção de, na qualificação, propor um projeto com capacidade de “subir” para um doutorado, já que eu possuía título de mestre anterior. Era a aposta. A aposta formal, é a de que sou uma pessoa que compõem metas e trajetos, mesmo que seja para não os

percorrer depois. O que estava em questão é como dar forma ao desejo de uma nova aproximação de pesquisa com essa temática que estava lá, na dobra do percurso anterior, mas que somente despertou no seguimento.

O doutorado não saiu e me vendo em uma berlinda entre escolher continuar e desistir, algo me fez continuar. Claro, havia um desejo ali, buscando formas de saída. Nem eu sei muito bem porque continuei, pois esses dois anos foram de mudanças tão drásticas na vida e que me afetaram tanto, em tantos sentidos, que acho que foram os afetos que me fizeram seguir. Então me vi com os planos “torcidos” e propus um projeto de revisão sistemática para o tema que eu gostaria de explorar. Tema novo, requerendo contato com um referencial no qual eu ainda não havia feito uma aproximação. Foi inevitável pensar que a melhor opção seria uma revisão – afinal, precisaria de uma revisão para compor o projeto de doutorado. E esse objeto de pesquisa já estava dominado.

Estava decidida, como assim se fez, de que esse processo de um segundo mestrado seria um exercício de aproximação e exploração do novo tema. Havia uma flor vermelha com caule verde no primeiro plano, mas um jardim novo pulsando logo em seguida. Pensar corpo, cidade e saúde separadamente não parecia ser um desafio, mas a relação entre eles sim. Como disse uma professora querida durante uma aula de metodologia de pesquisa “isso aí é um universo”. Sim, é. E eu adoraria explorar o desconhecido. E meu desejo só cabe num universo. Não fica confortável apertado num canto e formatado pelo olhar do outro. Mas o caminho para dar passagem para esse universo passava por descobrir o “estado da arte” do que já foi produzido sobre o tema, como convém numa caminhada acadêmica tradicional.

Quando propus uma revisão sistemática queria ter contato com trabalhos que iriam na mesma linha, para que eu pudesse entender melhor as relações estabelecidas pelos autores e entender melhor as minhas próprias perguntas. Em uma busca prévia, encontrei estudos que não estavam próximos do que eu procurava. Já tinha ali, pistas de que era eu mesma quem deveria estabelecer as relações para responder às minhas inquietações. O fato é que recuperar os caminhos percorridos pelos pesquisadores que me antecederam não esgotou minha busca. Mas como responderia às minhas perguntas sem passar pelo “método tradicional de pesquisa” e “descobrir” o já descoberto?

Eis que após a banca de qualificação meu mundo vira de cabeça para baixo. Não. Não estou exagerando. Meu mundo, aquele interno, começou a sambar de cabeça pra baixo. Analisando as considerações da banca várias vezes, por meses me vi lendo materiais acadêmicos dos mais diversos, livros que eu gostaria de atirar pela janela e outros que eu queria colocar embaixo do travesseiro para que algo “cósmico-transcendental” acontecesse e o conteúdo entrasse por osmose na minha cabeça, já “pasteurizado”. O tempo foi passando e mais eu tinha certeza de que deveria fazer meu trabalho de outra forma que não aquela “quadrada” do método que responde algumas perguntas, mas não necessariamente as minhas. Antes, o projeto, era como um pote de purpurina fechado onde você tem o controle do brilho. Agora, tinham aberto o meu pote “na pressão”. Só quem já passou por essa situação sabe quanto tempo depois você ainda encontrará purpurina pela casa.

Eu comecei a ter crises de ansiedade. Nada incomum para mim, mas eu sei que quando isso acontece é porque estou sufocando. Não adiantavam as ajudas na orientação, os professores e amigos que eu conversava e os autores da epistemologia da pesquisa. Eu estava dando murro em ponta de faca. Não queria admitir que eu poderia colocar as minhas próprias ideias no papel (eu sei, isso parece estupidez, mas é um fato). Já dizia Clarice Lispector “Pensar é um ato. Sentir é um fato”. O que eu sentia era a angústia de achar que não tinha capacidade para fazer uma produção se eu não tivesse uma receita muito bem prescrita.

Quando comecei a escrever meu texto, e confesso, quando não sabia exatamente para qual caminho estava seguindo, decidi encarar o problema e pensar nele. A dificuldade de escrita, a “trava”, é problema comum entre os mestrandos. Eu sabia que era assim pois tinha contato com os demais alunos, já que os representava nas instâncias de direção do Programa. E se eu exercitasse o pensamento dos meus anseios como pesquisadora justamente através da escrita? Foi assim, por este capítulo, ainda em trechos desconectados que iniciei minha escrita e fui descobrindo um caminho para o fechamento desta etapa da vida.

Percebi que não eram só os acontecimentos na vida pessoal dos dois últimos anos que me travavam, mas algo que, em algum momento que não sei especificar quando, chegaram ao pensamento e logo viraram escrita. Como se a vida tivesse feito uma dobra, e o caminho reto tivesse sido rasgado por uma passagem de nível. Mas a

passagem de nível não é só sair de um e chegar no outro. Por algum tempo, há tensões importantes que puxam de volta e empurram. O corpo, esse mesmo que é tema do estudo, se parte em fragmentos, se decompõem, perde sua unidade. O corpo se movimenta internamente na passagem de um nível para outro. Aprender é rasgar-se e fazer-se de novo, estava escrito em algum material que li durante esse tempo. Um modo de fazer pesquisa se rasgou, um modo de colocar o corpo no campo da “ciência” se rasgou.

SOBRE OUTRAS LEMBRANÇAS DE PESQUISA

Lembro de quando fui buscar “o problema” de pesquisa para produção do trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de educação física. Minha intenção era de produzir trabalho com a temática do yoga mas não encontrava orientador(a) que “topasse” a empreitada (aliás, tema este que me aproximou das políticas de saúde vinculadas ao Sistema Único de Saúde e que explico com mais detalhes na parte introdutória de minha primeira dissertação de mestrado)². O motivo: yoga não era ciência, eles me diziam. Logo, não poderia se prestar a ser tema de um TCC. Eu já estava, nesta época, me sentindo um tanto culpada por escolher um tema que parecia ir na contramão dos estudos “acadêmicos”. O meu desejo de pesquisa era impossível. É isso mesmo? Talvez isso explique, em parte, minha aproximação com a ciências humanas.

De fato, eu tenho uma tendência de lutar comigo mesma para sair deste sentimento de culpa, mas com a tendência a voltar ao ponto onde me indicaram lá no TCC: meu desejo de pesquisa não é legítimo. O ponto mais negativo de tudo isso, atualmente, é a sensação que não há quem queira escutar minha voz (ou ler o que eu escrevo). Ao mesmo tempo, me mantenho *pari passu* a construir uma carreira acadêmica. Tenho consciência que muitas estudantes como eu, na época, teriam desistido. Por algum motivo não desisti, mas sempre me colocando como alguém que não era capaz. Agora vejo que essa sensação compunha uma tensão, um impulso de movimento: de um lado essa força, que vinha da aprendizagem acadêmica e de tantos

² *Entre o fazer e o registrar da Educação Física no NASF : a relação conflitante entre a Classificação Brasileira de Ocupações e os procedimentos possíveis de registro pelo Profissional de Educação Física* (2012) disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67161>

outros aprendizados na vida, e de outro um desejo de quebrar esse muro, de descobrir o que estava escondido por detrás do muro, de aprender com o corpo.

Lembro que no início do curso de educação física eu já queria ser pesquisadora. Não porque um dia resolvi que essa carreira servia para responder aquela pergunta feita pelos parentes ao longo da adolescência: “e aí? Já resolveu qual a profissão que vai escolher para o resto da vida?” Essa pergunta é assustadora. Decidi ser pesquisadora porque tenho a curiosidade de entender o mundo e porque tenho muitas perguntas. Como poderia trabalhar com algo que não me permitisse exercitar essa curiosidade?

Durante a banca de qualificação do projeto deste segundo mestrado, percebi, novamente, que tinha sido capturada pela ideia de que deveria fazer algo que todo mundo faz, pois assim, quem sabe, eu seria aceita. Não sei exatamente dizer aceita no que. Talvez porque a experiência em pesquisa no início de minha graduação até o TCC tenha me marcado tanto, de uma forma que eu nem consiga racionalizar, que ainda não consegui tirar do meu corpo essa sensação de “você tem que seguir a manada”. É como a menininha que aprendeu a fazer a mesma flor. Então propus um projeto de pesquisa para este segundo mestrado que qualquer daqueles professores que me negaram uma orientação sobre yoga aceitariam.

Para quem me perguntava qual o intuito de fazer um segundo mestrado ao invés de buscar um doutorado, dentre outros motivos, é que esta produção não se restringe à produção de conhecimento, mas eu arriscaria dizer que é uma ferramenta terapêutica para mim. Melhor: pedagógica, que vai permitindo descobrir aos poucos e aprender com o corpo. Não iniciei este trabalho sabendo disso. Descobri isso há pouco tempo, mais precisamente há três meses do prazo de entrega do trabalho.

Hoje admito que as falas daqueles professores e a falta de acolhimento ao meu desejo de pesquisa me marcaram muito mais do que eu admitira na época. Marcas sobre a capacidade de produção de conhecimento, sobre o que vale a pena, sobre as relações sujeito-objeto na pesquisa científica, sobre a relação professor-aluno, dentre outras.

Minha sorte é de perceber que este (segundo) mestrado foi necessário antes de um doutorado. De nada me valeria um segundo título, mas o processo foi transformador ao ponto de eu achar que eu deveria escrever apenas sobre a dor de se fazer pesquisa no Brasil, especialmente no atual contexto político. De estar num programa de pós-graduação que enfrenta desafios coletivos que, em algum nível, relaciono com aqueles

que enfrentei individualmente na produção do TCC; de ter um orientador que percebe meus anseios muito antes de que eu possa conectá-los à realidade e que mesmo com sua vida profissional e pessoal virada de cabeça para baixo, ainda consegue fazer as melhores apostas para com seus orientandos. Sorte de estar rodeadas de amigos que me ajudaram a pensar a minha produção de forma crítica, dando puxões de orelha que, de tão gentis, eu demorei para perceber o chacoalhão. Chacoalhão este, que vai na direção de entender que minha curiosidade não está no mesmo lugar em que costumo me colocar (de alguém que não é capaz).

Era necessária uma libertação. Era necessário um olhar mais atento sobre um outro lugar possível como pesquisadora e trabalhar, justamente, com as minhas incertezas e inseguranças. Era necessária a aprendizagem com o corpo, a aprendizagem significativa de ser no mundo acadêmico com a autenticidade das perguntas de quem quer saber! Não aquelas de quem já sabe e está alheio ao mundo!

No início de 2015 trabalhei na construção de uma proposta de extensão cujo objetivo era identificar experiências inovadoras e criativas no âmbito das práticas corporais e atividades físicas na atenção básica do SUS. Mais tarde, esta proposta foi parte constitutiva do projeto Observatório Saúde em Movimento³. Quando propusemos a uma colega designer a produção de uma identidade visual para este projeto, no qual eu era o ponto de contato principal entre a equipe que escolheria as imagens e a equipe que a desenvolveria, não imaginava que a identidade visual representaria tão bem meu processo de construção de conhecimento, ou melhor, o turbilhão no qual me sinto imersa enquanto produzo este trabalho.

³ www.ufrgs.br/saudeemmovimento

Imagem 1: Identidade visual do projeto Observatório Saúde em Movimento



Fonte: www.ufrgs.br/saudeemmovimento

A imagem parece um emaranhado de um fio que ansiosamente busca equilíbrio na produção do seu itinerário. Não se sabe exatamente quando começa e quando termina, quais seus limites e por onde ele pode expandir. Essa é a imagem do meu pensamento durante a produção deste trabalho. Olhando a imagem da maneira como ela se apresenta, como sendo vista de cima, tudo parece muito confuso e a cada ponto de intersecção eu já não sei mais para onde se move. Me senti assim os últimos dois anos. Na metáfora da aprendizagem, esse turbilhão também representa uma saída de si, um reconstruir-se “para fora”. Ecoa no corpo a ideia da aprendizagem por exercício de reconstrução de si, aprendizagem não apenas como “esclarecimento”, mas transformação/movimentação de si e do modo de se localizar no mundo.

Depois de resolver onde está meu ponto de contextualização para o texto que gostaria de escrever, olhei para trás e pensei como uma simples caminhada na Paulista produzira tantas coisas em mim (muito mais do que eu tenho capacidade de demonstrar até agora através da escrita). A cada ponto daquela caminhada onde algo me chamou a atenção, um universo de afetos, pensamentos, reflexões surgiram. O “campo empírico” da pesquisa, definitivamente, não estava fora do meu corpo. Estava entrelaçado com meu corpo, com o corpo-movimento do processo de aprendizagem.

Eu estava em sofrimento por não saber o que fazer com tudo aquilo. Por muito tempo a cena que vivi na Paulista falava comigo. Eu não entendia nada. Não sabia como transformar o que eu tinha vivido em produção de conhecimento que, na melhor das hipóteses, considerando a minha baixa auto-confiança acadêmica, ou simples

pensamento de que sou incapaz de escrever algo interessante, o texto me serviria para aprender algo em que eu pudesse acrescentar ao projeto de doutorado.

Ficava olhando em diferentes momentos para os registros fotográficos e de vídeo que eu havia feito durante a *flânerie*, torcendo para que algo emergisse e como um sopro de convicção do que fazer com aquilo, tudo se resolvesse. Entretanto, ao *flâneur* e ao aprendiz, parece que os “sopros” não tem apenas a origem externa; parece que o ar em movimento que os produz é o próprio deslocamento da aprendizagem; há um eco de conversas de orientação que ressoa por aqui. Talvez até o final deste trabalho, eu só tenha resolvido uma parte dos anseios.

Esse sofrimento era o sinal da minha luta interna: queria fazer ciência e ainda era acometida pela lembrança da experiência do TCC de que a experiência corporal que havia afetado minha vida positivamente, o yoga, não era ciência para ser estudado. Duas imagens para a pesquisa se embatem o tempo todo: a pesquisadora que já sabe (ou já deveria saber...) e a pesquisadora que quer saber. Mas há também um desequilíbrio importante entre ambas: uma delas foi plantada pela formação prévia, que não deixou liberada a menina curiosa, que quer compreender e descobrir o mundo “desenhando outros desenhos”. Eis que uma manhã acordo e logo ao abrir os olhos, o sonho que tive naquela noite vem à memória de uma forma muito clara: para fazer este trabalho, algo em mim deveria morrer.

A MORTE DA PESQUISADORA (30.07.2018)

Esta noite sonhei que morri. Ou melhor, soube que em breve eu deveria morrer. O motivo da morte? Me avisaram que eu deveria morrer pela minha pesquisa... Em prol de minha pesquisa. Eu não lembro quem era aquela pessoa que veio me dar a notícia como algo muito sério e importante, pois afinal, a minha pesquisa era sim muito séria e importante. Não sei o que eu pesquisava no sonho, mas estava em uma espécie de laboratório, com equipe de jaleco. Talvez até umas pipetas compunham o cenário – não lembro ao certo.

Lembro da minha própria feição pensativa, no sonho, testa franzida como de costume quando há estranhamento e/ou quando há necessidade de racionalizar sobre

algo. Fui convencida da minha morte quase de imediato: era para o bem da pesquisa - a pessoa disse. Então, era inevitável!

Pensei, em um espaço de tempo curto, mas que parecia eterno, que a única coisa que eu poderia fazer (ou que tinha que fazer) era tomar algumas decisões antes de morrer, para não deixar coisas pendentes (pragmatismo, a gente vê por aqui).

Que meus pertences mais importantes sejam doados ao meu irmão, ou talvez ao meu afilhado que faria melhor uso deles: meu computador e meu celular. Sim, eram esses os “bens” que lembrei no sonho. Se você estiver pensando que sonhei com estes bens por serem valiosos, pelo preço que custam, não. Não mesmo! Lembro de, no sonho, pensar que meu computador era o único meio de abrigar textos, recortes, imagens, vídeos e outros ‘dados’ de pesquisa. O celular é a minha ferramenta de produção da maioria dos dados (fotos, vídeos, registros de áudio das andanças). Logo, eram eles os meus “bens” mais preciosos. A minha caixa de ferramentas da pesquisa!

Naquele momento também pensei em algo positivo sobre essa morte, que me deixou confortável. Quando me disseram que eu morreria pela minha pesquisa, me disseram também que eu deveria doar meu corpo a ela, pelo bem da ciência. Ok, sei que não faz sentido para as pesquisas que costumo me envolver, mas no sonho fazia total sentido. O pensamento reconfortante veio quando, diante dessa informação, pensei: pelo menos minha família não vai gastar com o enterro... pois não vai precisar enterrar.

Lembrando do sonho, de cada imagem, fala e sensação, me assustei com o fato de não me assustar com a ideia da morte. De forma alguma. Não poderia ter me assustado. Era pela pesquisa, uma boa e justa causa (!!!). Além disso, sentia que a vida continuava depois da morte ou que continuaria de alguma maneira (pelo menos aquela do sonho). Então precisava confiar (em que? Não faço ideia). Seria uma ressurreição? Então eu poderia continuar com a pesquisa, certo? Ela não acabaria! Sim, eu pensei isso no sonho. Não foi no sonho e no tempo imediato posterior que me ocorreu que a aprendizagem, tal qual a concebo há um certo tempo, é reconstrução de si: há mesmo que deixar morrer a forma antiga, para que consiga nascer a forma nova, o corpo que aprendeu.

Se o sonho durou um segundo ou a noite inteira, não sei. Mas parecia que todos os pensamentos aconteciam ao mesmo tempo. Como acontece quando penso na cena

da Paulista. Um turbilhão de pensamentos e uma energia que tem relação com os sentidos e não com a descrição da própria cena. Afinal, como descrever o que se vive se tem algo do vivido que é impossível transmitir através de palavras?

Quando acordei e, de súbito, lembrei de tudo, ri das minhas sensações. Pensei de imediato o quão ridícula eu estava sendo de pensar que esta pesquisa estava mexendo demais comigo para ser simplesmente um trabalho de mestrado. “Penso e sofro demais e escrevo de menos”.

Passei dias e dias pensando nesse sonho, dias inteiros. O que esse sonho tem para me ensinar? Afinal, este trabalho vinha me mostrando, mais intensamente nos últimos meses, o quanto a alessandra-pesquisadora que eu pensava ser, vinha se quebrando nos últimos 2 anos.

Porque a alessandra-pesquisadora de antes tem que morrer? A resposta que vem à mente agora (agora, porque pode ser que até o final dessa escrita tudo mude de lugar – vem sendo assim a construção deste trabalho ao ponto de não me reconhecer, ou não saber o que fazer com isso), é de que me abri para uma escrita cartográfica. Ou, talvez mais próximo do que se diz epistemologicamente sobre a cartografia: a escrita sai de si, ela precisa encontrar pontos de abertura do corpo para sair. Mas todos os dias me pergunto se isso ajuda ou atrapalha. O que significa se abrir para a cartografia? Imediatamente me questiono sobre método, sobre rigor, sobre o tormento de uma estudante de pós-graduação insegura. Ao mesmo tempo que tento me convencer que minhas oportunidades e experiências me constituíram assim.

Depois desse sonho, resolvi que escreveria um ensaio, do jeito que eu achava que deveria ser. Quem sou eu para escrever um ensaio? Ouço essa pergunta na minha cabeça ilustrada com a figura de alguns professores que conheci no caminho. Sou só alguém no meio da multidão.

Mesmo resolvendo escrever um ensaio e especialmente este capítulo que coloca em análise meu processo de pesquisadora em construção, ainda recorri aos padrões de pensamento de me achar uma “maria-ninguém” sem capacidade para propor algo que tenha um certo grau de valia no mundo acadêmico. Também aqui é inevitável deixar passar outra ideia: não há pesquisa sem implicação. É honesto contar da sua implicação com o objeto da pesquisa, para não reificar o objeto da pesquisa e, sobretudo, não tirar

a autonomia do leitor para acompanhar eventuais pontos de sobre-implicação, quando a retina deforma o objeto em análise.

Já escrevi em algum lugar sobre o quanto pensava de forma criativa nas propostas em conjunto com outras pessoas, mas nos meus trabalhos, sempre me fixava no que já estava dado, na zona de conforto. Desde que me apresentaram Deleuze, durante a especialização em Saúde Mental Coletiva que fiz em 2008, adquiri uma recusa aos seus textos. Assim... meio sem explicação mesmo. Ou melhor, a explicação era que achava muito difícil a escrita do autor. Isso inevitavelmente me lembra de um outro episódio da graduação, quando cursava a disciplina “Psicologia da Educação B” e a repeti cerca de quatro vezes. Não creio que fosse por alguma falta de capacidade cognitiva, mas havia algo ali que eu não conseguia encarar. Já no primeiro mês de aula, eu a abandonava. No semestre seguinte me matriculava com outro professor, afinal poderia ser esse o motivo das minhas desistências – professor chato, aula chata, linguagem difícil, horário complicado. A saber, a “Psico A” (apelido da primeira disciplina da série) tirei “de letra”, mas nem lembro do que se tratava. A segunda, a recorrente, se tratava de Piaget. Pois bem, nunca quis, e nem tenho certeza se quero (ou se já o fiz) colocar em análise porque repeti a matrícula quatro vezes nessa disciplina. Prefiro na época me achar uma incompetente mesmo e resolver a dúvida do porquê eu abandonava a atividade a cada semestre.

Achava fascinante a fala de alguém que entendia os escritos do Deleuze. Filosofia delirante! Mais para sintoma do que para conhecimento. Por favor, não me peça para ler nada dele – era a minha reação comum perante qualquer proposta desse tipo. Na época da especialização imaginava Deleuze como um velho que se intoxicava e escrevia coisas que só faziam sentido para ele mesmo e que não tinham aplicabilidade ou utilidade na vida real. E por que eu ficava fascinada por quem falava dele? Droga! Talvez Deleuze fosse o primeiro a apontar o entendimento de questões que eu preferia que continuassem como questões? Há sete anos fujo dele. E, as vezes acho que, em parte, também se trata disso o desmoronamento que está acontecendo agora.

A cada conversa com orientador, com professores, com colegas que me ajudaram a pensar nessa caminhada, Deleuze sempre aparecia no papo. Eu fugia como quem foge de uma conversa constrangedora que pode expor a intimidade. “Não” – já me tomava o pensamento quando alguém começava a sinalizar que eu deveria ter o tal Deleuze

como interlocutor. Me imaginei várias vezes batendo com a cabeça na mesa repetidamente, enquanto pensava em mudar meu tema, objetivo ou questão de pesquisa, só para fugir desse Deleuze. Inclusive agora, neste momento em que escrevo estas palavras.

Confesso que me arrependo um pouco de não ter dado mais atenção ao referencial Deleuziano na minha vida. Eu mesma me boicotei e me coloquei nessa situação (inconscientemente?). Tenho todo o tempo do mundo, a partir da dissertação concluída. Aquela pesquisadora subjetivada por métodos e tempos tem que morrer. Outra pesquisadora sai de dentro daquela, para reviver, ou viver outra vida. No notebook é mais fácil “dar uns *delete*” de vez em quando e fingir que nada aconteceu. Na vida real é mais complicado. O “efeito Fênix” aqui é imagem da aprendizagem, da transformação, do movimento.

Tal qual a menininha que não conseguia desenhar outra coisa que não a flor vermelha com caule verde, tento me posicionar para que as experiências que me levam para um lugar que eu não quero estar, sejam frutíferas para aprender a me deslocar. Melhor o jardineiro que cultiva as flores do que a florista que cortou a rosa e tenta fixá-la, sem vida, no imaginário das crianças.

A CAMINHADA E O OLHAR PELA *FLÂNERIE*

Flanar *v.i.* (do francês *flâner*) [conj. 4]. Passear ociosamente, sem objetivo ou direção certa⁴

O andar é experiência do próprio percurso. A caminhada é uma atividade humana universal. Caminhar na cidade (ou mesmo no campo) foi, durante muito tempo, a principal maneira de explorar o imprevisível (SOLNIT, 2016). Nos dias de hoje, caminhar na cidade, especialmente à deriva, tem se tornando uma ação cada vez menos possível: seja pelas tecnologias que “nos treinam” para obtermos respostas rápidas às nossas dúvidas e sem muito esforço; os automóveis particulares que, mesmo sendo um problema para a mobilidade urbana continuam “povoando” o desejo da maioria das pessoas, especialmente nas capitais brasileiras; e (ou) violência crescente que impõe limitações ao deslocamento a pé e produz uma atmosfera de medo em relação a alguns trajetos cotidianos das pessoas. Esses são alguns exemplos que facilmente podem ser identificados como desestímulos à caminhada pela cidade e que também constituem uma noção de tempo rápido e objetivo aos deslocamentos.

Le Breton (2017) em entrevista à Pablo Bujalance, publicada no Diário de Sevilla, fala dos critérios utilitaristas do deslocamento nas cidades que evidenciam onde, como e por qual caminho você deve ir. Por isto afirma que a “caminhada pela caminhada” é uma forma de resistência política.

Caminhar porque sim, eliminando da prática qualquer tipo de apreciação útil, com uma intenção decidida de contemplação, implica uma resistência contra esse utilitarismo e, ocasionalmente, também contra o racionalismo, que é o seu principal benfeitor. A marcha lhe permite advertir como é bonita a Catedral, como é brincalhão o gato que se esconde por ali, as cores do pôr-do-sol, sem qualquer finalidade, porque toda sua finalidade é esta: a contemplação do mundo. Frente a um utilitarismo que concebe o mundo como um meio para a produção, o caminhante assimila o mundo que as cidades contêm como um fim em si mesmo. E isso, claro, é contrário à lógica imperante (LE BRETON, 2017, on-line).

⁴ Minidicionário Larousse da Língua Portuguesa. 3ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil. 2009

Na Paulista Aberta, uma caminhada pode revelar muitas “coisas” acontecendo que vão contra a lógica operante. Esta lógica diz respeito às relações capitalistas que a cidade impõe – estes caminhos utilitários, quase sempre com uma ou outra lojinha no percurso. Mesmo sendo projetada para a produção de um espaço de convívio, de lazer, de cultura, a Paulista Aberta também apresenta suas “ocupações” para que os caminhantes façam compras.

Os ambulantes têm tomado conta do asfalto (fechado para os carros aos domingos), especialmente em dias que acontecem shows ou outros eventos. Apesar do comércio local (aquele fixo, como as lojas que estão lá tanto durante a semana quanto aos domingos), a Paulista Aberta chama atenção pela diversidade de pessoas transitando ao longo da avenida, praticando atividades físicas ou passeando “à toa”, colocando o corpo em movimento e em relação com aquele espaço.

A Paulista Aberta torna possível outra experiência com aquele “pedaço” da cidade que se modifica ao longo da semana. Michael de Certeau nos fala daqueles que experimentam a cidade “embaixo”, se referindo ao contrário da visão aérea, como aquela que vemos nos mapas. O andar pela cidade para Certeau é a forma mais elementar desta experiência urbana (JACQUES, 2006). Os projetos de ruas abertas (abertas para pessoas e fechadas para carros) criam uma dobra nessa experiência urbana por transformar a “cidade embaixo” de Certeau em duas ou mais cidades: quando na mesma rua ou avenida “física” você poderá experimentar ruas e avenidas completamente distintas, de segunda a sexta e/ou sábados e domingos.

Jane Jacobs em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades* escrito no início da década de 1960, mas que se mantém atual, questiona que “ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça?” A própria autora responde: “Suas ruas. Se as ruas de

Quando escrevi este parágrafo literalmente empaquei. Veja, creio que esse mestrado deveria durar mais tempo. É injusto eu não ter mais tempo de seguir o caminho que se apresenta. Me é caro. Sei que nesse parágrafo há um tanto de palavras que não vieram no momento da escrita e ainda estão escondidas por ali. Talvez esse parágrafo seja parte de um palimpsesto que ainda tenho que tratar de fazer aparecer o texto oculto, pois ele tem muito a dizer. Eu sei. Mas o tempo não está sendo amigo agora.

uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante” (JACOBS, 2011, p.29). Para a autora as ruas e suas calçadas são os órgãos vitais de uma cidade. De que forma é possível experienciar essa cidade? O que interessante ou não para as pessoas? Ou seria melhor perguntar qual a importância deste “interessante”?

A caminhada é um dos elementos que, em ato, propõe a experiência da constituição dos espaços da cidade pelas pessoas, uma das maneiras que torna possível a experimentação da cidade “embaixo” de Certeau (JACQUES, 2006) e a resistência de Breton (LE BRETON, 2017, on-line).

Breton coloca que caminhar pelas ruas sem nenhum interesse específico é uma forma de deixar as cidades mais humanas, “de rebelar-se contra as ordens que convertem todas e cada uma das interações humanas num processo econômico” (LE BRETON, 2017, on-line). Quando iniciei a caminhada pela Paulista naquele domingo, eu não sabia o que eu poderia encontrar. Minha intenção não era me perder pelas ruas, mas, mesmo tendo planejado anteriormente o trajeto a ser percorrido, não fazia ideia do que iria ver ou sentir, ou o que me chamaria a atenção: tracei um percurso sem tempo e sem metas. A caminhada curiosa, ao mesmo tempo despreziosa, cujo olhar é atento àquilo que pode emergir aos olhos remete à imagem do *flâneur* “que se desloca no meio da multidão” decidido a “conhecer, de escolher os caminhos, para aprender, como uma máquina fotográfica, os pequenos detalhes da vida cotidiana” (ORTIZ, 2000, p. 20).

A figura do *flâneur* aparece na França em meados do século XIX em textos de diferentes escritores, dentre eles Balzac, Baudelaire, Victor Fournel e Walter Benjamin, este último, já no século XX (BIONDILLO, 2014; ORTIZ, 2000). O *flâneur* era inicialmente associado ao caminhante das ruas de Paris que é “convidado” à errância pelo alargamento das ruas e intensificação da mobilidade das pessoas em épocas de urbanização e industrialização.

(...) as passagens formam “um mundo em miniatura” no qual o *flâneur* pode encontrar “tudo” o que necessita”(BENJAMIN, 1986 *apud* Ortiz, 2000, p. 13). “Mundo” contendo elementos diversos, parcelas de realidade a serem decodificadas pelo olhar atento do intérprete (ORTIZ, 2000, p.13).

Ortiz (2000) dissertando sobre a obra de Walter Benjamin⁵, afirma que o que “lhe prende a atenção são o traçado e os nomes das ruas, as catacumbas, as edificações, como as pessoas se vestem, comem e vivem”, ou seja, “a estratégia benjaminiana privilegia portanto os ‘pequenos’ objetos” (ORTIZ, 2000, p.14). Olhar a Paulista como um mundo diz algo sobre uma proposta de sociedade – me pego constantemente a pensar “que sociedade queremos?”. Seria algo que contivesse a produção de espaço do jeito em que eu enxergava a Paulista naquele momento? A Paulista “centro nervoso da economia nacional” estava aqui e acolá. Mas, distanciando-se dela, foi aparecendo uma “Paulista em movimento”, encarnada em pessoas singulares e em situações singulares.

Olhos e pernas são a essência do *flâneur* (MASSAGLI, 2008). O exercício da *flânerie* passa pelo corpo. Massagli (2008) apresenta o *flâneur* como alguém cujo olhar é distraído. Que tem a possibilidade de vagar pela cidade sem pretensão de conhecimento e sim, pela experiência ingênua, pura, quase infantil.

“Outra característica do *flâneur*, que o distingue de um filósofo ou de um sociólogo, é que ele procura por experiência e não por conhecimento. Para estes, grande parte da experiência acaba sendo interpretada como – e transformada em – conhecimento. Já para aquele, a experiência permanece em certa medida pura, inútil, em estado bruto, fruto do olhar ingênuo, como o de uma criança (...)” (MASSAGLI, 2008, p. 57)

Mas qual conhecimento vem sem experiência? Que esforço deve ser empreendido para viver uma experiência, aquela que passa pelo corpo, que “se vive na carne”, e abrir mão do conhecimento gerado a partir dela? É possível um conhecimento que não seja apriorístico, que nasce do movimento que a experiência produz no corpo? Qual o intuito da experiência sem deixar-se envolver, aprender com ela? Neste texto, não foi intenção dissertar sobre o conceito de experiência. Aqui a experiência é entendida tal qual a vivência, como algo experimentado/vivido e que, de alguma maneira, deixa uma marca, cria ou transforma sentidos e significados para a(s) pessoa(s) envolvida(s).

Walter Benjamin, a partir da poesia de Baudelaire, tenta compreender os mecanismos estruturantes da modernidade (ORTIZ, 2000). Para D’Angelo (2006) o

⁵ Ortiz referencia o texto de Walter Benjamin “Paris capital do século XIX” a partir da versão italiana publicada em 1986: *Parigi Capitale del XIX Secolo*, Torino, Einaudi, 1986 (ORTIZ, 2000).

interesse de Benjamin por Baudelaire “tem a ver com a tarefa do materialista histórico de *escovar a história a contrapelo*, isto é, de reescrever a história na perspectiva dos vencidos” (D’ANGELO, 2006, p.237).

A ruas de Paris em meados do século XIX eram dominadas pelas carruagens. Caminhantes não tinham vez e por isso as passagens entre elas era o lugar da “flanagem”. Com a urbanização, grandes avenidas foram abertas e ruas ampliadas e a conexão entre as regiões que compunham Paris foi facilitada (D’ANGELO, 2006; MONTERO, 2008; ORTIZ, 2000).

Conciliando os interesses do Estado e dos grandes grupos financeiros, Haussmann consegue implantar sua política de urbanização. Até a metade do século XIX, cada região de Paris era como um pequeno mundo e não havia uma comunicação regular entre essas regiões. A diferenciação entre bairros ricos e pobres levou à expansão da periferia da cidade, assim como a separação entre a residência e o local de trabalho tornou necessária a criação de uma rede de transportes capaz de garantir a circulação regular entre uma zona da cidade e outra (D’ANGELO, 2006, p.242).

Em época de investimentos em urbanização, surgem os grandes magazines que refletem uma nova fase do capitalismo francês. Esta fase vincula-se a mudanças importantes nos transportes, sistema bancário e nos negócios. “Isso implicou na criação de mecanismos mais sofisticados de vendas e na gestão de grandes espaços nos quais as mercadorias pudessem ser expostas e exibidas para o grande público” (ORTIZ, 2000, p. 17). “Nossas ruas largas e nossas calçadas mais espaçosas tornaram mais fácil a doce *flânerie*, impossível para nossos pais, a não ser nas passagens” (BENJAMIN, 1986, p.79 *apud* ORTIZ, 2000, p.18).

É neste cenário que o *flâneur* figura nas anotações de Benjamin. Os grandes magazines atraem o consumidor que, pela primeira vez, se sente massa. Antes acostumado ao ritmo lento das passagens, o *flâneur* encontra agora dificuldade em se deslocar.

A circulação pela cidade tornou-se certamente mais fácil e mais rápida, as ruas e o sistema viário lhe permitem locomover-se sem maiores problemas, mas as imposições externas são também mais coercitivas, cada vez mais ameaçam sua liberdade individual (ORTIZ, 2000, p.20).

Para D'Angelo (2006), o *flâneur* não existe sem a multidão⁶, mas não se confunde com ela. “Perfeitamente à vontade no espaço público, o *flâneur* caminha no meio da multidão (...)” e “submetido ao ritmo do seu próprio devaneio, ele sobrepõe o ócio ao ‘lazer’ e resiste ao tempo matematizado da indústria” (D'ANGELO, 2006, p.242).

Em contraposição à imagem do *flâneur* ingênuo e desprezioso, capturado pelas vitrines dos grandes magazines e misturado à massa, a leitura de Hessel e Aragon feita por Biondillo (2014) identifica um *flâneur* capaz de interações, estranhamentos e uma inteligência na leitura da cidade.

Tanto o *Camponés de Paris* de Aragon quanto *Spazieren in Berlin* de Hessel são obras que têm como personagens centrais a cidade e o *flâneur*. Ambos os autores transformam a cidade num texto a ser lido e decifrado e o *flâneur* no leitor que, ao mesmo tempo, concebe uma nova tecitura textual pelo fato de ser o nativo com olhar de estrangeiro, portanto, por ter a capacidade de enxergar para além do olhar acomodado e conformado do senso comum. Um outro desdobramento dessa visão do *flâneur* seria a capacidade de retribuir olhares – os olhares que foram deixados e esquecidos pela cidade, pois a cidade também pisca para o *flâneur*! Desse “flerte”, diríamos, nasce um novo modelo de leitura e de escritura. Esse “pisca” é um relampejar, é um pequeno choque que rompe o traçado linear, que quebra a lógica, que surpreende como uma espécie de *insight* ou iluminação mútua. Os olhares que o *flâneur* lança à cidade são correspondidos por todos os outros tantos olhares que se depositaram e que jazem esquecidos em cada pedaço, cada fragmento, cada passagem, cada monumento da cidade. E para que haja reciprocidade é preciso saber decifrar a cidade e citar sua história (BIONDILLO, 2014, p.17).

O *flâneur* é figura marcante nas ruas da cidade moderna. Caminhante despreocupado, é personagem e expectador ao mesmo tempo. Na leitura de Ortiz (2000) o *flâneur* se mostra como alguém com olhar perspicaz que observa o inesperado e não o corriqueiro.

O homem que se desloca no meio da multidão o faz impulsionado por sua curiosidade intelectual, ele deliberadamente toma a decisão de conhecer, de escolher os caminhos, para apreender, como máquina fotográfica, os pequenos detalhes da vida cotidiana (ORTIZ, 2000, p.20).

O autor ainda chama atenção para a *flânerie* como arte, o que reforçaria sua aproximação com o trabalho intelectual. O *flâneur* é alguém desenraizado de um grupo

social (misturado à massa se descaracteriza do burguês que indica ser – aquele que tem tempo para flunar pela cidade) e do local de sua moradia, pois se sente tão a vontade nas ruas quanto em casa. A cidade é moradia e paisagem. Essas qualidades para Ortiz (2000) se associam ao personagem boêmio.

O boêmio caracteriza-se por sua mobilidade, vive entre as classes sociais, não pertence a nenhuma delas, e não se fixa permanentemente em nenhum lugar. (...) Entretanto, ser boêmio não é uma condição, mas uma eleição pessoal, uma maneira de se colocar à margem da sociedade contrapondo-se aos valores dominantes (por exemplo, na pintura o repúdio às instituições tradicionais como as academias). O universo da boêmia, que em Paris envolve, literatos, teatrólogos, fotógrafos, pintores, encerra portanto uma visão de mundo: valorização da individualidade e das qualidades artísticas, recusa dos ideais burgueses (ORTIZ, 2000, p. 23).

As escolhas do *flâneur* não estão isentas de intenção. Virar à esquerda ou à direita não é um ato à toa. “Da mesma forma que o artista desfruta sua atividade a partir do lazer, o *flâneur*, na escolha de seu próprio caminho, deve ser autônomo. Sua liberdade não pode estar confinada às exigências estranhas à sua arte”. A *flânerie* ocupa lugar oposto ao fordismo. Enquanto o mundo das fábricas anula o indivíduo por “uma engrenagem que o envolve e o ultrapassa,(...) caminhar, olhar, descrever, tornam-se atos improdutivos” (ORTIZ, 2000, p.25).

A leitura de Benjamin sobre o *flâneur* indica a íntima relação do processo intelectual com o corpo em movimento (do caminhante) na leitura e produção do conhecimento acerca da cidade. Biondillo (2014) destaca que ainda hoje o *flâneur* pode ser visto como o preguiçoso *bon vivant*, mas Benjamin buscava diferenciar dentre os tipos de *flâneur*, avaliando em suas leituras que não eram todos iguais, sendo alguns fecundos outros não.

O *flâneur* desafia o tempo de produção capitalista e é por esse motivo que também é visto como um fútil, um vagabundo, assim como eram vistos os tipos da boêmia. De qualquer forma, o que não podemos é perder de vista que a concepção do *flâneur*, como idealizada por Benjamin, coloca em discussão a função social do artista e do intelectual na cultura capitalista. E são esses os *flâneurs* que interessam a Benjamin. Nos primórdios da *flânerie*, já estava implícito não apenas um modo de se locomover, mas a intenção associada a uma espécie de passeio onde não há uma finalidade laborativa declaradamente específica e onde o tempo pode ser passado

despreocupadamente, ou seja, sem que se tenha que cumprir nenhuma tarefa ou trabalho pré-determinado. No século XIX de que trata Benjamin, estamos, contudo, mais próximos dessas considerações ambíguas em torno do que seja ser um *flâneur*, uma vez que a função que caberia ao artista e/ou intelectual passa por drásticas transformações (BIONDILLO, 2014, p.22).

A caminhada despreocupada mas curiosa do *flâneur* hoje encontra outros desafios. Continua caracterizada pela resistência como indicado por Breton no início deste capítulo, não só por quebrar o tempo do mundo “produtivo” (*tempo é dinheiro!*) e de evitar os caminhos utilitaristas, mas enfrenta a violência instalada na cidade grande e as iniquidades que permitem, de algum modo, que as próprias pessoas produzam espaços desiguais. As violências podem ser de diferentes tipos e este trabalho não tem o intuito de descrevê-las (para isso necessitaria uma outra abordagem de pesquisa), mas sim, é possível provocar a(o) leitora(o) a pensar no seu cotidiano e visualizar quantas vezes se sentiu insegura(o) em um espaço por onde caminhou? Insegura(o) por achar que pode ser roubada(o)? Por passar por um grupo de manifestantes contrários à cor de sua camiseta? Por ser mulher num espaço onde só haviam homens?

É necessário ressaltar aqui que a ideia do *flâneur* é baseada em uma concepção/visão masculina. Wearing e Wearing (1996) reuniram elementos para uma crítica a esse olhar masculino do *flâneur* utilizando as ideias da filósofa pós-estruturalista Elisabeth Grosz, onde a figura da *choraster* aparece no lugar do *flâneur*. *Choraster* é uma expressão criada pelos autores oriunda de *chora* (ou *Khôra*)⁷, que diz respeito ao espaço entre ser e se tornar ou o espaço, o espaço que pode ser produzido. Ao invés de ser o objeto do olhar do “passeador”, o conceito de *chora* para Grosz sugere espaço para ser ocupado e dado sentido pelas pessoas que fizeram uso dele. O espaço dá origem às experiências vivas dos seres humanos, está aberto a muitas possibilidades. Teorias que iniciam com a visão das mulheres em relação à experiência do mundo, em vez da suposição de que a experiência masculina abrange toda a humanidade como afirma Grosz, pode incluir mais adequadamente as mulheres (GROZS, 1986 *apud* WEARING; WEARING, 1996).

⁷ *Chora* em inglês relativo à palavra grega *Khôra*. Na filosofia, tem origem nos estudos de Platão sobre espaço/lugar/receptáculo, trabalhado por Derrida sob a perspectiva da linguística (PEREIRA et al., 2018).

Os estudos feministas podem dar pistas para pesquisas futuras que desenvolvam a imagem de uma *flânerie* sob o olhar de mulheres que vivem a “cidade embaixo” e tem em seus corpos marcas bem singulares da vida urbana inscritas pela própria cidade.

Neste trabalho não foi desenvolvida a perspectiva teórico-feminista da *flânerie* por questões relativas ao tempo possível para esta produção, já que o exercício aqui é de aproximação com um novo referencial teórico para a autora e os limites fazem parte do processo de construção do texto. Mas é importante resgatar ao longo da leitura deste texto que quem o produz é uma mulher e que o que a *flânerie* na Avenida Paulista faz emergir aos olhos só é possível de ser visualizada a partir dos olhos desta *flâneur* que agora escreve.

CAMINHADA METODOLÓGICA

A busca por identificar sentidos na conexão entre corpo e cidade foi constituída, não por acaso, pelo do olhar da mestranda, cuja trajetória acadêmica é marcada pela reflexão acerca das práticas corporais e sua relação com a produção da saúde. A experiência em projetos de pesquisas avaliativas da Atenção Básica entre 2012 e 2017 tem provocado um movimento de deslocamento do ‘olhar-curioso’ para o tema da cidade enquanto espaço repleto de elementos que interferem na saúde.

A cartografia não foi uma escolha, pois escolhas pressupõem duas ou mais opções. Desde o início este trabalho já se constituía como experiência cartográfica mesmo sendo submetido à banca de qualificação sob uma proposta de pesquisa bibliográfica. Um equívoco que não responderia às inquietações da pesquisadora e que, a partir das indicações da banca e orientações que se seguiram, a escrita cartográfica foi o “fio condutor” na produção deste texto e redirecionou o processo de pesquisa, antes com o olhar apenas sobre o objeto, para uma análise sobre a relação sujeito-objeto (pesquisador-pesquisa).

A proposta de projeto de pesquisa tinha como termos de busca “direito à cidade” e “promoção da saúde” que fundamentavam inicialmente a pesquisa pelo contato da pesquisadora com a obra de Henri Lefebvre⁸ em evento fora do país no início de 2017, e que parecia indicar pistas para a compreensão acerca de alguns elementos da vida urbana que interessavam a este trabalho. O segundo, por ser o campo das políticas públicas nacionais e internacionais, a agenda global da Promoção da Saúde, em que “enxertam”

Tento me colocar em exercício de estranhamento quando percebo que estou trabalhando numa certa zona de segurança, mesmo querendo extrapolar-la. Isso se dá, provavelmente, pelo receio de criticada por estar fazendo uma escrita em forma de ensaio no qual eu não ‘teria experiência suficiente’ para produzir tal tipo de texto. Nunca entendi isso muito bem, mas ouvi de mais de uma pessoa, antes e depois da entrada na saúde coletiva. Não achava que meus ensaios estariam fora do diálogo com a literatura. Mas talvez porque não fossem exatamente ensaios... mas eu me deixei capturar pela sensação de incompetência.

⁸ Direito à Cidade (LEFEVBRE, 2008)

o tema das práticas corporais/atividades físicas⁹ e que, por este motivo, a pesquisadora identificava como “ancoradouro” de sua produção. Quando em exercício prévio para a busca em base de dados pelos dois termos, o resultado indicou apenas dois artigos¹⁰. Mesmo cogitando a possibilidade de investigar a lacuna existente na relação do Direito à cidade e o campo da saúde, tanto por indicação da banca como por algumas experiências que sucederam o momento de qualificação, o projeto foi reorganizado, tornando-se uma pesquisa inspirada na cartografia.

Partindo dessa nova configuração, o processo de produção deste trabalho colocou em análise não só os elementos que se pretendeu compreender, mas a própria relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, que movimenta e reverbera no corpo, e que transforma o pesquisador quando este se abre à aprendizagem.

Este trabalho se caracteriza como um ensaio que tem como suporte contextual a cena vivida pela pesquisadora na Avenida Paulista, em dia de Paulista Aberta. Tomando a imagem do *flâneur* como teoria para compor uma proposta metodológica a partir da *flânerie*, este ensaio conduz o leitor a “olhar pelos olhos do *flâneur*”.

Ortiz (2000) nos mostra que o *flâneur* é personagem urbano cujas “antenas sensoriais privilegiam a visão”, sentido associado às qualidades desenvolvidas pelos indivíduos na grande metrópole. A cidade se apresenta para o *flâneur* como um labirinto cheio de surpresas, mas “só o olhar perspicaz capta o que subjaz à sua manifestação epidérmica” (ORTIZ, 2000, p. 21).

A *flânerie* pressupõe a ideia de distanciamento. Tal qual o viajante, o *flâneur* partilha a sua condição de exterioridade, “saindo de um mundo que lhe é familiar, para encontrar ‘outros’ lugares distantes, separados de sua vivência anterior (...) Quem observa é naturalmente um estranho” (ORTIZ, 2000, p. 21). O exercício do estranhamento faz parte da *flânerie*. É uma viagem sem sair do lugar.

⁹ Existe uma diferença relevante entre estes dois termos na produção teórica do campo específico da educação física. Utilizo os termos separados por barra por considerar as duas vertentes teóricas mas que não serão exploradas neste trabalho. Estas diferenças podem ser encontradas na primeira dissertação de mestrado da autora, intitulada “Entre o fazer e o registrar da Educação Física no NASF: a relação conflitante entre a Classificação Brasileira de Ocupações e os procedimentos possíveis de registro pelo profissional de Educação Física” (BUENO, 2012).

¹⁰ Consulta realizada no Portal Periódicos Capes entre março e julho de 2017, antes da publicação pela Revista Saúde em Debate do número temático ‘Direito à Cidade: Direito à cidade: Promoção da equidade para grupos em situação de vulnerabilidade’ em dezembro de 2017 que elevou o resultado da pesquisa para 5 artigos em julho de 2018.

A obra de Walter Benjamin exprime a característica intelectual do *flâneur* através de duas metáforas: a do detetive e do caçador. “A figura do *flâneur* anuncia a do investigador” (BENJAMIN, 1986, p.574 *apud* ORTIZ, 2000, p. 22).

A cidade-labirinto, no emaranhado de sua sinuosidade, se apresenta como um texto espesso, este é o terreno no qual opera a razão que o decifra. Ela segue as pegadas para descobrir o verdadeiro lugar da caça. O mesmo movimento é percorrido pelo saber detetivesco (...) Afinal, os dois partilham o mesmo talento, revelar o que se esconde por detrás da realidade aparente.

“A arte da *flânerie* é homóloga ao conhecimento científico” como coloca Ortiz nos termos de Robert Nisbet (NISBET, 1979 *apud* ORTIZ, 2000, p. 24). O que se pretende com a exploração de um tema que constituirá a produção de conhecimento acadêmico, na concepção da autora deste trabalho, é que não seja algo apenas protocolar, ou baseado apenas na vontade. Algo sim, que tenha a experiência empírica vibrando no corpo, “que corre na veia”, que faz o primeiro movimento de ver e mostrar para entender. Assim a *flânerie* na Paulista se constituiu: o olhar atento na leitura da cidade trazendo ao pensamento o plano sensível, ou seja, aquilo que vibra no corpo e que se quer dar visibilidade. Inspirações oriundas da teoria crítica “rodeiam” este trabalho para lembrar que

(...)muitos estudiosos racionalistas ficam tão obcecados com questões envolvendo a técnica, o procedimento e o método correto que esquecem da finalidade humanista do ato da pesquisa. A racionalidade instrumental/técnica geralmente separa o fato do valor em suas obsessão pelo método “apropriado”, perdendo, no processo, uma compreensão das escolhas de valor sempre envolvidas na produção dos assim chamados fatos(KINCHELOPE; MCLAREN, 2006, p.284).

Kinchelope e McLaren (2006) nos lembram que uma teoria crítica reconceituada, explanada em seu trabalho, entende uma teoria social como um mapa ou guia para a esfera social. “No contexto de uma pesquisa, isso não determina o modo como enxergamos o mundo, mas nos ajuda a inventar questões e estratégias para explorá-la” (KINCHELOPE; MCLAREN, 2006, p.283). A estratégia aqui, de ter o *flâneur* como a imagem do sensível permite a pesquisadora explorar o empírico e compreender as

questões que emergem e que são importantes para o processo de produção do conhecimento.

O *flâneur* é imagem dialética, o que significa ser tanto sujeito histórico quanto político ao mesmo tempo que onírico. Procuramos, por isso, demonstrar que o *flâneur*, embora seja um sujeito racional, não deve ser confundido com o sujeito lógico, transcendental ou metafísico. O *flâneur* é, antes, crítica a essa concepção. Ambivalente, é uma figura que contraria o espírito de seu tempo (BIONDILLO, 2014, p.132).

Com o passar do tempo, em que o “o que fazer agora?”, derivado da vontade de pesquisar que me trouxe até o Mestrado em Saúde Coletiva, e as desconstruções do momento da qualificação (“como pretendes ver o novo do teu desejo com óculos velhos e perspectivas teóricas que tem a vigência como suposto?”), outras questões foram sendo colocadas ao “caminho metodológico”. Caminho metodológico também é caminhar por sobre os recursos prévios que, tal qual o concreto e as pedras, mostram caminhos já consolidados.

Comecei a perceber que era muito difícil escrever sobre a cidade sem saídas rotineiras para caminhar. Não aquela caminhada que ativa somente o corpo, que “faz bem à saúde”, que ativa a circulação. Nesta, você põe um fone de ouvido, vai para um parque e fica um tanto alheio ao que está à sua volta. Foca no tempo ou na distância a ser cumprida. Teria que pensar num caminho que se fizesse ao caminhar, como na poesia de Antonio Machado¹¹. Foi na mesma época em que me abri para a escrita cartográfica que me ocorreu fazer as caminhadas, tal qual o *flâneur*, para que os pensamentos também se movimentassem e assim o fiz durante o período de escrita deste texto.

Eu vivi por um ano na periferia de Porto Alegre logo no início do mestrado. Pude sentir de perto como a vida urbana compromete a saúde e cria um sentido de sobrevivência para que você possa cumprir suas tarefas cotidianas. Durante este período eu não podia fazer caminhadas no entorno da minha casa para olhar a cidade. O lugar não me permitia isso. Ninguém me disse isso claramente, mas todos os dias, pequenas

¹¹ <http://blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/>

violências acontecem que te fazem entender o espaço que se ocupa (e quais você não deve ocupar). Especialmente se você for mulher.

Faltando um pouco menos de 7 meses para o término do mestrado, consegui retornar para a região central de Porto Alegre. Quando percebi que conseguia pôr em análise alguns elementos da pesquisa durante a caminhada, então comecei a exercitar isso de forma 'metodológica': quase todos os dias saía para uma caminhada breve para arejar as ideias. Seja para aproveitar para almoçar, seja para ir até um ponto que eu definiria previamente e voltar para casa, seja para algum outro compromisso a cumprir. As caminhadas começaram a ter sentido na produção de conhecimento sobre a cidade mais do que eu imaginaria.

Este trecho, escrevo em um café no bairro Bom Fim após uma caminhada que vai do campus central da UFRGS, passa pelo parque da Redenção e chega ao campus da saúde. Aproveito que estou com o computador na mochila para parar em um café e não perder a escrita. Queria ter parado no parque, sentado em um banco, e começar a escrever. Mas o medo não me permitiu. Qualquer pessoa que conhece Porto Alegre me chamaria de louca se eu ousasse fazer isso. O risco de ficar sem os escritos, sem o computador e com mais da "cidade fechada" em mim foi definitivo na decisão.

Esse sentido foi reforçado durante a minha participação em uma atividade da disciplina de Promoção da Saúde no curso de graduação em Saúde Pública da USP, em que os alunos apresentaram seus trabalhos sobre uma saída de campo. Saíram a caminhar pela cidade, em grupos de 4 ou 5 pessoas, por diferentes trajetos, observando os 'sinais de promoção da saúde pela cidade'. Aquela atividade me estimulou a pensar em muitos aspectos e alguns, compuseram esta proposta. Mesmo tardiamente, não poderia ser diferente. Além de conhecer um pouco de São Paulo pelo olhar dos estudantes, as perguntas que tomavam o meu pensamento não eram triviais. E se eu também me colocasse a caminhar e olhar os sinais? O que eu 'veria'?

Eis que em dias de chuva ou dias em que outros compromissos me impediam de caminhar para estimular o pensamento (as vezes à deriva, desbravando lugares seguros mas pouco conhecidos por mim da minha própria cidade; as vezes pelos caminhos do cotidiano), a escrita não rendia em relação àquilo que passava por mim, pelo meu corpo, pela minha 'carne'. Minha alternativa era ler (que estava um pouco mais longe do empírico). Logo, mesmo tendo selecionado a cena que mais elementos reuniram para compor este trabalho, o cotidiano alimenta e atravessa minha produção de conhecimento para a construção desta dissertação.

A cena escolhida para dar suporte contextual a este ensaio foi “vívuda” na avenida Paulista. Símbolo do capitalismo, é o principal centro financeiro, pólo econômico e cultural de São Paulo. Foi projetada no final do século XIX, época em que o dinheiro movimentado pelo café ajudou no processo de modernização da cidade. Era uma avenida a exemplo das europeias: muito larga, com três vias separadas por plátanos e magnólias. Foi a primeira via pública asfaltada e arborizada de São Paulo.

Marcada por sua enorme visibilidade, a Avenida Paulista transformou-se nos últimos anos no espaço público de referência de manifestações de protesto e denúncia, assim como de festividades e comemorações (...) A Avenida Paulista foi criada em 8 de dezembro de 1891. Com uma extensão aproximada de 3 km, inicia-se na Praça Oswaldo Cruz, onde fica instalada uma escultura do *Índio Pescador*, do artista Francisco Leopoldo da Silva. Na outra ponta, final da Avenida, está a Praça Marechal Cordeiro de Farias, também chamada de Praça dos Arcos, onde se avista a escultura de nome *Caminho* ou *Arcos* ou, ainda, *Arco-íris Metálico*, de Lílian Amaral e Jorge Bassani (SCIENTIFIC LIBRARY ONLINE, 2013).

Os prédios comerciais só foram construídos na avenida Paulista a partir de 1952. Antes disso, a avenida era considerada uma região residencial onde predominavam os casarões de famílias tradicionais da cidade. Desde essa época, a Paulista era considerado um lugar para a elite de SP. Com a construção dos prédios comerciais ela se tornou “um lugar de negócios” e até hoje abriga diversas multinacionais, consulados e algum comércio.

A história da Paulista também está repleta de manifestações e é um lugar de contradições. Se de um lado é o núcleo dos negócios é também onde “a dobra” aparece. Nos dias da semana, em horário comercial, você encontra o fluxo “dos homens de negócio” claramente identificados nas ruas pelos passantes apressados ou pelos carros de luxo que por ali descarregam passageiros. Depois das 18h o ambiente se modifica por completo: estudantes com *milk shakes* e celulares nas mãos, outras pessoas saindo e entrando dos shoppings, ambulantes e artistas que tomam o espaço por uma ou duas horas, aproveitando o fluxo de pessoas que saem dos seus trabalhos nas redondezas.

Aos domingos, ainda mais marcante é a mudança da avenida. É dia de folga para muitos, dia de lazer para quem pode. A Paulista é tomada por pessoas de todos os lugares. O símbolo do capital (a Paulista dos negócios) não está mais ali, deu passagem

para corpos livres se movimentarem ao longo dos quase 3 km sem precisar contar os 3.818 passos dados por lá¹². Na Paulista Aberta, aquela aos domingos, é possível caminhar no meio da rua, dançar, se expressar, aprender a patinar, se equilibrar numa corda, tomar um sol, sentir o ar e o som menos poluído e viver outro tempo. O símbolo do capitalismo e o glamour da elite não estão ali, pelo menos temporariamente. A cidade naquele momento é de uso de todos.

A seguir, é apresentada a cena que compõe o percurso realizado na avenida Paulista, em dia de Paulista Aberta, narrada a partir do olhar da *flânerie*, que tornou sensível um conjunto de sentidos. A cena é composta como “imagens significativas” para a cartografia – aquelas imagens que estão no corpo-pesquisadora e também as fotográficas. Os registros fotográficos foram escolhidos no ato em que eles sensibilizaram o corpo.

Walter Benjamin diz que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p.198). A composição da narrativa da cena se dá para, com a imagem e a palavra, ser a mais próxima da experiência vivida.

¹² Uma analogia daqueles que caminham usando pedômetro (que contam os passos) pois sua caminhada é voltada para a atividade física e não para a fruição.

DOMINGO DE SOL NA PAULISTA

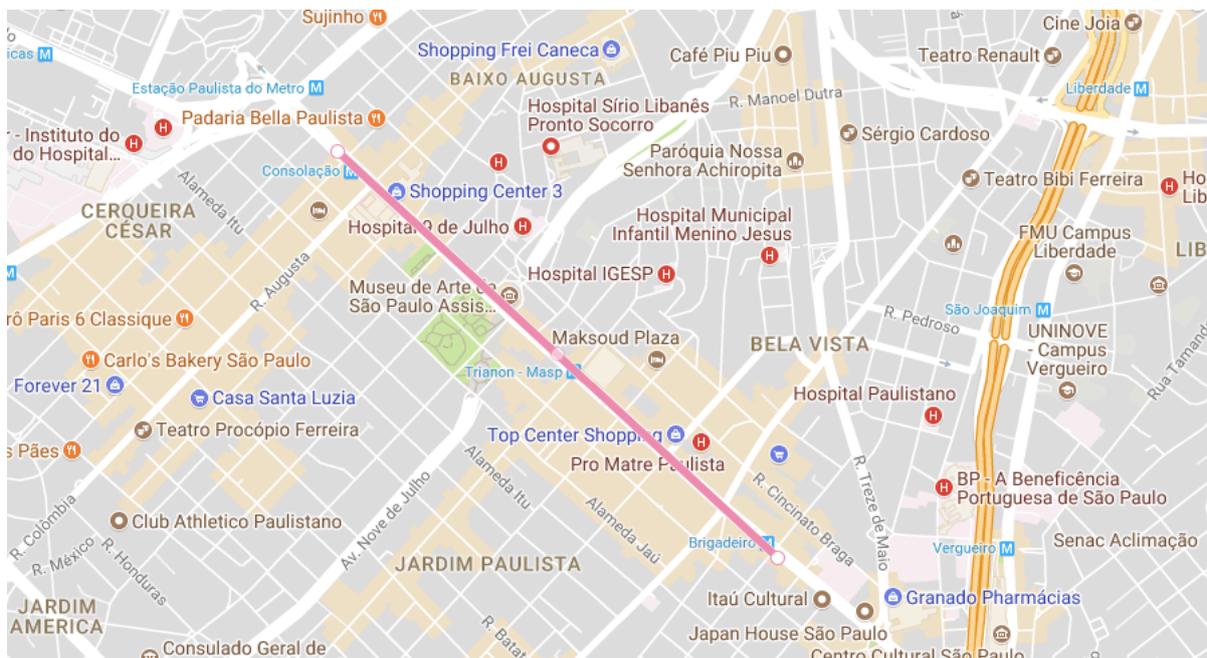
A Avenida Paulista começa num cientista e termina num general. Ela vai da Praça Osvaldo Cruz à Praça Cordeiro de Farias. Há quem diga que ela que começa no paraíso e termina na consolação, ou, ainda, se inicia num índio e termina numa lâmpada, um círculo imperfeito com pouco verde. O índio fica num canto da Osvaldo Cruz, um círculo imperfeito, com pouco verde. Durante anos, ele esteve no centro da praça (desde a década de 20), todavia modificações no trânsito o empurraram para o lado e foi gradeado. É um índio pescador (escultura de Leopoldo Silva), mas a lagoa artificial onde ele procura peixe, há muito está seca, cheia de lixo. Alusão à poluição dos rios brasileiros? A lâmpada é o monumento de concreto e neon que os comerciantes da Consolação, especialistas em lustres e luminárias, erigiram no cruzamento das duas ruas. Além da lâmpada, a Paulista tem pouca vida, apenas duas quadras curtas, à direita. Logo se entrega às baixadas do Pacaembu. Tivesse um pouco mais de fôlego, morreria aos pés da casa onde nasceu Chico Buarque de Hollanda.

(adaptado de Ignácio de Loyola Brandão, 1990)

Foi uma visita rápida à cidade que está entre uma das mais populosas da América Latina – São Paulo. Apenas 3 dias. Um destes dias, domingo. Era a primeira vez que eu teria a chance de encontrar a avenida Paulista fechada para os carros, mas aberta para que as pessoas circulassem no lugar deles. Dizem que nos domingos e feriados o ar da Paulista é menos poluído. Naquele dia ensolarado me parecia que tudo era ‘mais’: pessoas mais alegres, mais confortáveis, mais caminhantes, mais despojadas, mais elas mesmas (sendo que eu nem conhecia aquelas tantas pessoas que cruzei por lá).

Começo minha caminhada na parte noroeste da avenida, próximo à estação do metrô Consolação e sigo até as proximidades da estação Brigadeiro cerca de 2 km. Após uma pausa para um café, tomo o mesmo trajeto de volta.

Imagem 2: Mapa mostrando o percurso feito na Paulista pela pesquisadora



Fonte: Google Maps organizado pela autora.

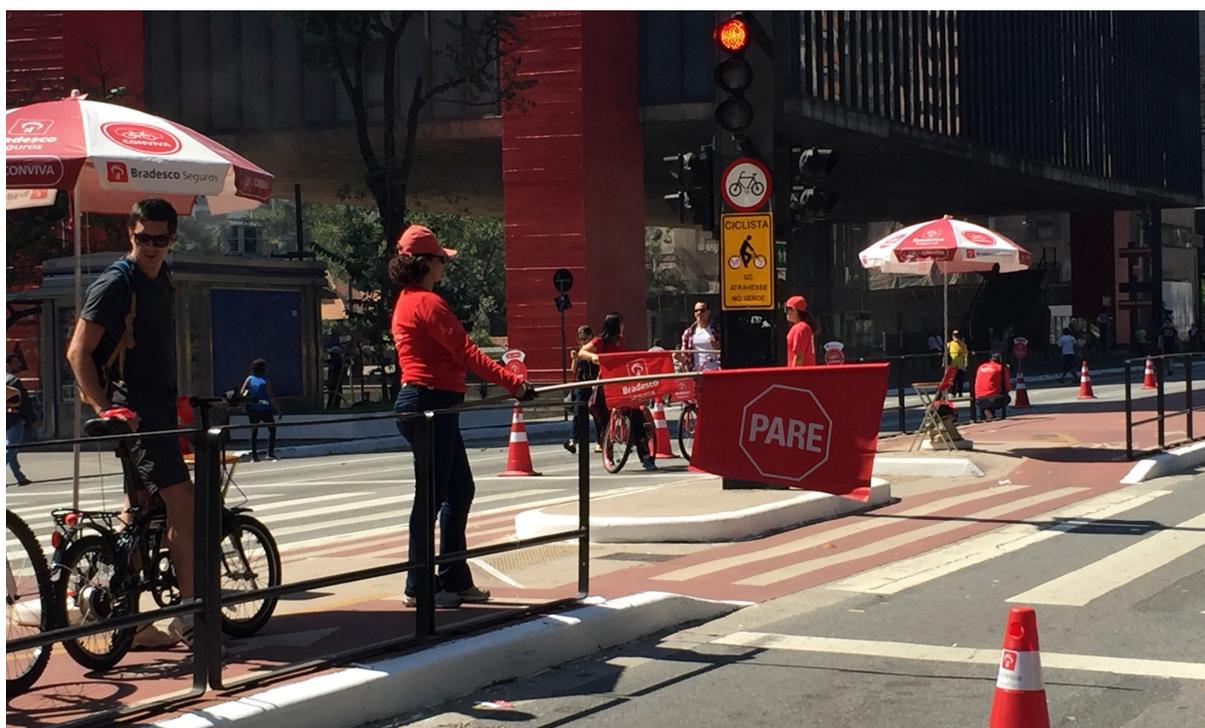
Desde o início de minha caminhada encontro pessoas pedalando, correndo, passeando, paradas ao celular, paradas em contemplação, de skate, com carrinho de bebê... minhas sensações no início da caminhada, olhando para toda aquela gente usufruindo de um espaço amplo que tinha data e horário para “estar ali” era de que um

chimarrão cairia muito bem, mas eu não havia me preparado suficiente para me mostrar como alguém que era “estrangeira naquelas terras”.

O vermelho vivo da ciclovia chamava atenção. Certamente estava com a pintura em dia para se mostrar. Dizer que veio para ficar (ou para gritar que vermelho seria melhor que cinza). Aliás, no domingo, tudo parecia se mostrar mais na Paulista. Lembro de ter visitado a avenida em duas oportunidades anteriores, as duas em dias “de semana”. Pessoas “bem alinhadas” com café em uma mão e celular na outra. A maioria andando em passos firmes, uns mais rápidos, outros menos. Alguns estudantes mais apressados também passaram por mim. Inevitavelmente pensei que ali eu era invisível. Poderia usar um cabelo amarelo todo arrepiado para cima que ninguém daria bola. Ou ainda, se eu caísse ou me atirasse no chão, talvez a cena deveria ser dramática ao ponto que alguém notasse, tal qual Neymar recentemente nos jogos da copa de 2018. Mas no domingo não. Você entra na Paulista e sabe que pode ser notada, que você é vista, que você é alguém. Os corpos constituem a Paulista nos domingos. As pessoas fazem a Paulista ser o que é naquele dia. A Paulista está aberta para a diversidade.

Enquanto o volume da música ao fundo aumentava conforme eu caminhava, o que indicava a aproximação de algum artista de rua, um movimento leve de bandeiras vermelhas seguradas por pessoas de camisetas também vermelhas se faz presente em cada intersecção da ciclovia. Não, não era um início de manifestação (risos), mas sim um programa de educação para o trânsito que não permitia que as bicicletas passassem enquanto o sinal estava vermelho para elas.

Imagem 3: Ação educativa de trânsito para bicicletas e pedestres na Paulista Aberta

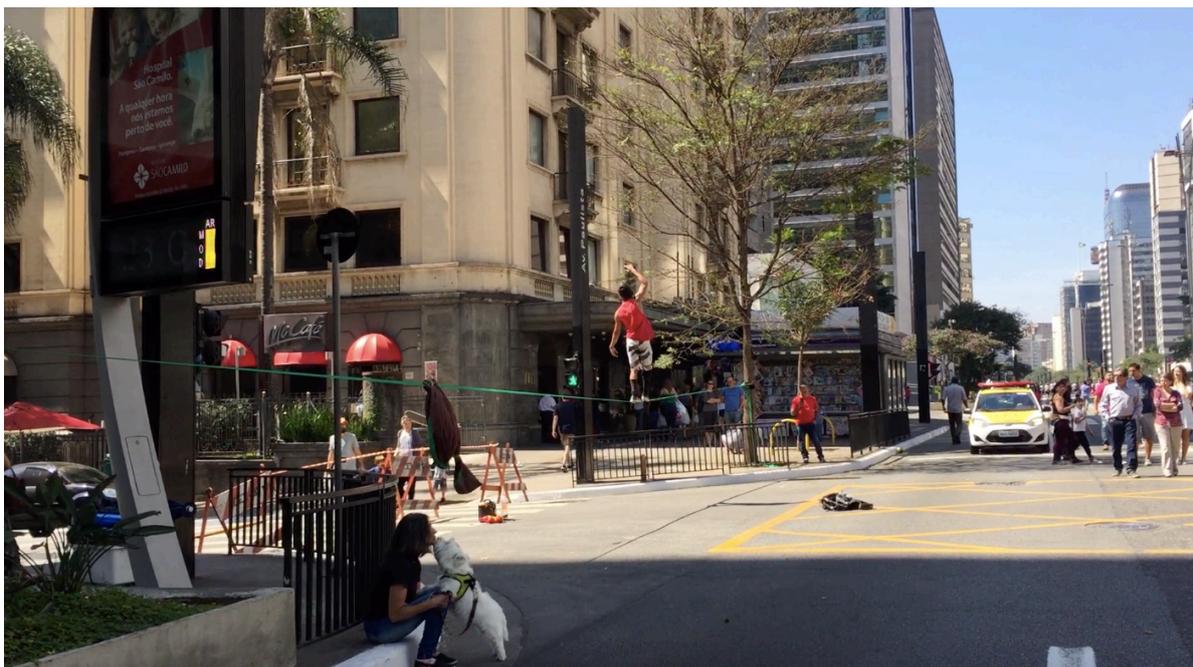


Fonte: acervo pessoal

Mais adiante, em uma esquina fechada para o cruzamento com a avenida Paulista (algumas avenidas como a Brigadeiro por exemplo, não tem o tráfego interrompido e por este motivo, na condição de semáforo aberto, existe certo fluxo de veículos cruzando a avenida Paulista normalmente), uma fita de Slackline¹³ corta a rua de uma esquina a outra, tornando-se paralela com o fluxo de caminhantes.

¹³ Slackline é um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras sobre ela.

Imagem 4: Slackline no cruzamento da Paulista em dia de Paulista Aberta



Fonte: acervo pessoal

Interessante como o espaço vai se constituindo um outro território que, apesar de fisicamente ser o mesmo, é outro nos dias em que a Paulista fecha para carros e abre para as pessoas. Existe um ponto de prática do Slackline que me chamou atenção no final desta caminhada. Fica no vão que existe no encontro da av. Doutor Arnaldo com a av. Paulista. Eu já estava impressionada com a paisagem da fita e do praticante emoldurando a paisagem do cruzamento, mas fiquei ainda mais impressionada com a menina que vi sobre a fita que cruzava o vão. Não sei quanto tem de altura ali, mas para mim, olhando de cima, bastava saber que era muito alto para ficar impressionada com aquele corpo que tomava todo aquele concreto como algo que ela dominava. O fato de ser uma mulher a dominar aquele espaço me parecia ainda de uma força maior. As mulheres que vivem a violência na cidade, todos os dias, que são vulneráveis simplesmente por nascerem mulheres. Ali dominavam o mundo dos homens. O corpo feminino produz resistência e sentidos diversos. “(...)A própria natureza do corpo de cada uma é dada pelos agenciamentos que faz: suas práticas afetivas, suas aventuras, seus riscos. Seus amores e suas mortes” (ROLNIK, 2011, p.47). A suavidade do feminino enfrentando o concreto em uma situação claramente arriscada e ao mesmo tempo protegida, se mostra como fecundidade do diverso. Lembrando Spinoza, quando

questiona “O que pode um corpo?” eu penso como resposta: “Veja só a potência de um corpo feminino!”

A avenida Paulista, lugar de executivos, de prédios gigantescos, um dos símbolos da gigante São Paulo, ali parecia pequena perto da proeza daquele corpo se desafiando na corda bamba e ao mesmo tempo tão protegido da violência cotidiana (pois ninguém ousaria chegar ali onde ela estava). Lembrando desta cena e pesquisando para encontrar algum registro que pudesse me ajudar a entender quem eram aquelas mulheres, conheci uma página no Facebook lançada após o período em que fiz essa caminhada, chamada ‘Slackline na Paulista’. Encontrei a imagem que eu queria ilustrar neste relato:

Imagem 5: Meninas do slackline no vão da Paulista em dia de Paulista Aberta



Fonte: <https://www.facebook.com/slacklinenapaulista/>

“O poder feminino representado na Paulista” diz o enunciado. As meninas do slackline brincam com a cidade de uma maneira que a cidade nunca brincou com elas. Em volta, outros corpos afetados e representações gráficas do que poderia ser a convivência pacífica e a diversidade na cidade que se deseja. Tudo em um vão de viaduto.

É possível encontrar músicos fazendo *pocket shows*¹⁴ ao longo do percurso e, também, grupos de dança, alguns com apresentações planejadas e outros que pareciam espontâneos. Ao longo do caminho pude observar um grupo de adolescentes dançando sem música, mas com uma coreografia simples e alinhada. Também pareciam ter planejado um certo figurino para a tal apresentação: da gravata borboleta do garoto que parecia ser o “coordenador” da coreografia, ao chapéu estiloso da menina que se preparava para entrar em cena. Ao lado, uma família em pé assistia à apresentação enquanto a filha adolescente que os acompanhava, tinha o olhar fixo nos movimentos do grupo enquanto reproduzia, de maneira menos intensa, os movimentos da coreografia que estava aprendendo em ato, a cada segundo. Quantos sentidos, imagino eu, estavam se conectando para aquela menina naquele momento (com a cultura, com o corpo, com a adolescência, com a avenida Paulista).

¹⁴ Uma matéria publicada pelo Estadão em junho de 2018 dá visibilidade para o problema do espaço dos músicos na Paulista em relação a disputa de espaço em certos dias, mas também demonstra a insatisfação de parte dos moradores da região que acreditam que a Paulista “se tornou terra de ninguém” (<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,prefeitura-quer-limitar-numero-de-musicos-na-avenida-paulista,70002368655>)

Imagem 6: Grupo de jovens dançando na Paulista Aberta



Fonte: acervo pessoal

Ao longo do caminho da Paulista cenas não muito agradáveis também chamaram a minha atenção. Um grupo de rapazes, alguns vestidos de militares (incluindo uma criança), e outros sem camisa, exibindo peitorais, abdômen e dorso bem definidos, seguravam um cartaz cujo comprimento bloqueava a ciclovia com os seguintes dizeres: “O exército vermelho só vai parar quando der de cara com o exército verde-oliva”. A alusão de que a intervenção militar seria necessária para “parar” com os movimentos sociais e/ou partidários que lutam por direitos sociais e são em sua maioria identificados pela cor vermelha em suas identidades visuais, quando manifestada na avenida Paulista é um tanto confuso: por um lado, temos a Paulista como espaço aberto para ocupação de qualquer pessoa aos domingos, permitindo que seus corpos se manifestem naquele espaço, “aliviando” a certa ordem pública aparente durante a semana, o que torna legítima a manifestação destes rapazes. Por outro, eles estão se manifestando por uma certa ideia que, quando no poder como eles sugerem (e que já foi experienciado pelos brasileiros com resultados desastrosos), muito provavelmente eles não poderiam estar se manifestando livremente. Em suma, me parece que o pedido daqueles rapazes era de que quem deveria tomar o poder, pertence a um grupo que não toleraria a própria manifestação que eles estavam fazendo. Aqueles corpos reivindicando visibilidade na

Paulista Aberta é significativo, uma vez que, na vigência que eles parecem reivindicar, não haveria necessidade de disputa de espaços e ideias: bastaria o uso da força! A contradição que essa imagem expressa é significativa, uma vez que demonstra resistência de um lado e o reconhecimento de uma ordem plural e diversa de ocupar o espaço urbano, que não está contida na política que esses adolescentes parecem defender.

Inclusive por talvez aquele espaço de manifestação (a Paulista) não estaria disponível para tal. A Paulista Aberta hoje é plural e, ainda, democrática. Há protagonismo de personagens diversos, mesmo que a performance desempenhada seja de radical contradição. Também há um risco na ostensividade da demonstração: a luta contra o “risco comunista” foi bandeira do golpe militar de 1964, que mergulhou o país num regime de opressão que a juventude ingênua não parece acreditar ser significativa. Parecem traduzir uma aprendizagem pelo consumo de bens culturais que passa mais por um prazer de mostrar força e domínio do que pela capacidade de ver o seu entorno.

Imagem 7: Manifestantes em prol das forças armadas



Fonte: acervo pessoal

Corpos masculinos bem torneados, expostos ostensivamente, parecem ter a intenção de demonstrar a força (em detrimento ao pensamento, neste caso) para atrair a atenção daqueles que se sentem frágeis ou que possam produzir algum tipo de identificação. Quase tentando se passar por super-heróis, eu arriscaria. Os que, provavelmente, não se sentem próximo à imagem de um deus do Olimpo por serem corpos franzinos, vestem o verde-oliva para se sentirem mais “poderosos”. Assim, numa tentativa de “se manifestar em prol de um movimento militar” que provavelmente cortaria seu direito livre de manifestação, trazem para a Paulista uma imagem intimidadora da força bruta, física, e da necessidade de formação de exército - típico dos regimes militares. O masculino da cidade também precisa se apresentar na Paulista Aberta.

Durante a caminhada pela Paulista tive contato com vários pequenos grupos de dança, um deles já citado anteriormente. Outro, tive contato na caminhada “de volta”. Durante a ida (trajeto consolação-brigadeiro) logo depois de passar o Museu de Arte de São Paulo (MASP) vi um rapaz ligando cabos de uma caixa de som grande, com sinais de uso, fazendo algumas gambiarras. Pensei ser mais um artista de rua que iniciava a organização de seu espaço de apresentação. Na volta, percebo que há um grupo dançando na frente da tal caixa. Aí já estavam vendedores de algodão doce e outras guloseimas por perto – talvez pelo potencial de junção de gente “na caixa de som”. Curiosa, me aproximei para ver o que estava acontecendo. Eis que havia um grupo de pessoas dançando ao som de um *funky groove*, com uma coreografia simples “a la anos 80”. Meu olhar sobre o grupo, de imediato, remeteu aos meus tempos de faculdade de educação física, tentando desvendar a sequência coreográfica para que, caso fosse simples, eu me juntaria a eles.

Em tempo muito curto de observação, algo desvia minha atenção da sequência coreográfica: uma mulher que visivelmente não era daquele lugar, dançava no centro do grupo sem precisar prestar atenção em qualquer outra pessoa. Fechava os olhos e rodopiava com a segurança de quem sabe cada passo e pode vivenciar outras sensações que a dança permite a quem já sabe como se movimentar. Para além da coreografia o seu corpo dançava livre no meio daquele grupo. Entre comunicações visuais com ‘o cara da caixa de som’ e olhares convidativos para quem estava de fora, ela convocava uma ou outra pessoa ao seu lado a acertar o passo através de demonstrações mais

próximas de como se movimentar. Seria ela a comandar aquele grupo? Muitas perguntas retóricas começaram a pipocar meu pensamento estimulando cada vez mais a minha curiosidade. Puxei a câmera e fiz um registro curto pois não queria perder o olhar da cena em detrimento à vigilância sobre meu celular na multidão (e cada vez mais chegavam pessoas).

Imagem 8: Grupo dançando na Paulista Aberta conduzido por uma mulher



Fonte: acervo pessoal

A diversidade de pessoas naquele espaço era evidente: uma mulher, negra, que provavelmente vive em um outro lugar que não nas redondezas da Paulista, conduzia o grupo a se deixar levar pelo som da música através dos passos que eram aprendidos em ato. O gringo-turista sem ginga que estava empenhado em aproveitar aquele passeio e quem sabe, contar que dançou no meio da rua em SP. A mulher que arrasta o companheiro para ser seu companheiro também naquela experiência e ele, apesar de meio envergonhado, cede e timidamente ensaia uma movimentação que ainda precisaria de algumas repetições até que ele não fosse um obstáculo (físico) para os outros participantes.

Aquela cena foi para mim, a representação de toda a potência que eu via na Paulista: um lugar de ocupação livre, em que você pode colocar o corpo em movimento,

especialmente em coletivo, onde você pode ser visto, construir outra relação com a cidade, mesmo que “aquela cidade”, aquela rua, seja temporária, e só volte a existir no próximo domingo. Como esse espaço conquistado através de coletivos organizados da sociedade civil pode mudar a forma que você tem de relacionar com o espaço? Que corpo é esse que é um durante a semana e outro no domingo? De que forma esse lugar produz experiências em mim que perturbam aquilo que eu sou e me transformam e outro alguém? E se esse espaço não existisse? O que representa para aquela mulher, negra e da periferia estar na Paulista conduzindo a dança de um grupo inteiro? Agora ela era o centro e a Paulista se transforma no borrão que destrói o limite entre centro e periferia. Assim como a dançarina, a garota do slack domina a cidade naquele momento único (espaço/tempo) e torna possível uma outra vida. Como essa relação interfere na saúde?

Essas são as questões retóricas que perturbam a pesquisadora em mim e colocam em movimento a produção deste trabalho.

CORPOS EM MOVIMENTO E DIVERSIDADE

A *flânerie* pela Paulista e o olhar atento sobre a “brotação”¹⁵ que surge a partir da própria experiência do observar e do sentir, ou seja, daquilo que vibra no corpo, que chama a atenção, no qual se quer falar, movimentou a pesquisadora a buscar uma interlocução acerca da interação entre corpo e cidade, no sentido de como é corporificada essa experiência da cidade inscrita no corpo.

Considerando o *flâneur* como leitor da cidade que tenta decifrar os sentidos da vida urbana (MASSAGLI, 2008), o encontro com a ideia de uma “corpografia” proposta por Paola Jacques (2009) não se deu por acaso. A cidade é lida pelo corpo e o corpo escreve a corpografia (JACQUES, 2006). O exercício da *flânerie* passa pelo corpo que se abre para a experiência de encontrar algo que não necessariamente está procurando. Se deixa afetar. Vive a experiência “na carne”.

Na história da filosofia, o corpo é destacado como o instrumento da alma. Mesmo na modernidade, por meio do cérebro, é caracterizado como produtor da alma, ou seja, ainda como instrumento desta. A origem da palavra “corpus” remete à matéria que, “sem o sopro espiritual da *anima*”, é passivo e inerte (FONTES, 2011).

Talvez, em função desta secundarização que o corpo sofreu ao longo da História ocidental é que só mais tardiamente, em especial a partir do século XX, tenha se transformado em foco de interesse das Ciências Humanas e Sociais, que passam a problematizar, ainda que parcialmente, os diferentes tipos de dualismos que o consideravam como mero substrato biológico ou como um dado exclusivamente natural (SILVA, 2005, p.99).

O corpo é histórico. Está em permanente (re)construção. É “provisório, mutável e mutante” (GOELLNER, 2003, p.28). O corpo é elemento central da existência humana. É através dele que percebemos o mundo à nossa volta. Merleau-Ponty nos lembra que a vida acontece pelo fato de sermos seres corporais o que amplia o olhar para essa relação com o mundo.

¹⁵ Brotação: s.f. 1. Ação de brotar ou começar a crescer; brotamento: brotação das sementes, brotação de flores. 2. A parte do vegetal que brota; broto (Minidicionário Larousse da Língua Portuguesa. 3ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil. 2009)

Para diversos autores, Foucault tem contribuição importante na tematização sobre o corpo. Para o autor, o corpo é definido pelas práticas, experiências e relações sociais. Ou seja, é uma construção social, cultural e histórica (GOELLNER, 2003; JACQUES, 2009). Mas são poucos os autores que trataram da relação específica entre corpo e cidade. Para Jacques (2009), Sennet se destaca pelos estudos sobre corpo e espaço (a partir de Foucault) onde escreve sobre a história das cidades sobretudo a partir das experiências corporais. “(...) sobretudo, buscou mostrar como diferentes representações do corpo e experiências corporais deram forma a diferentes traçados urbanos ao longo da história das cidades”. A autora propõe a ideia de uma corpografia ao entender que corpo e cidade são constituídos em conjunto, “não só os estudos do corpo influenciaram os estudos urbanos como mostrou Sennet” (JACQUES, 2009, p.130).

(...) corpo e cidade se configuram mutuamente e que, além de os corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram nossos corpos. Chamaremos de *corpografia* urbana esse tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, as diferentes memórias urbanas inscritas no corpo, o registro de experiências corporais da cidade, uma espécie de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas, ao mesmo tempo, configura o corpo de quem experimenta. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas, e o corpo expressa a síntese dessa interação (JACQUES, 2009, p.130).

A corpografia parte do pressuposto de que a experiência urbana fica, de alguma forma, inscrita no corpo e, cada corpo pode acumular diferentes corpografias por conta das diferentes experiências urbanas vividas. Para a autora “a questão da temporalidade e da intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição” (JACQUES, 2009, p.131).

O entendimento que nem sempre um espaço projetado com certo intuito é usado pelas pessoas desta forma, é também trazido pela autora quando afirma que “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes, que reinventam esses espaços no seu cotidiano” (JACQUES, 2009, p.132).

Um exemplo desta apropriação do espaço pelas pessoas que pode ser observado em Porto Alegre (RS) é o “passeio” abaixo do viaduto que está no encontro das avenidas João Pessoa e Loureiro da Silva. Situado em uma região central da cidade, no entorno

do campus central da UFRGS, a passagem abaixo do viaduto é temida por muitos estudantes e pedestres que precisam atravessá-la, especialmente à noite. Esconderijo para assaltantes (e outras histórias que ajudaram a constituir o espaço durante anos), o passeio era ocupado por skatistas nos finais de tarde, muito provavelmente por ser um lugar com calçadas largas mas com fluxo pequeno de passantes. Iniciou um movimento de ocupar o espaço para produzir alguns encontros (festas, samba e cerveja e etc) fazendo o lugar ficar conhecido por “viaduto do Brooklin”¹⁶. Atualmente um pequeno bar está “fixo” no local e mais um ou dois pequenos estabelecimentos comerciais surgiram com a movimentação diferenciada do espaço. Passar por debaixo do viaduto ainda dá medo em alguns momentos, mas de fato que mora ou circula pela região frequentemente sabe que ali, as pessoas constituem outro sentido para o lugar, seja ele com horário marcado ou não. É claro que, por ser um espaço ocupado, acaba por se tornar ilegítimo por alguns (obviamente que não utilizam o espaço) e os movimentos para que as atividades deixem de acontecer estão sempre “batendo à porta”.

A Paulista Aberta, mesmo sendo um movimento no qual a Prefeitura de São Paulo instituiu a Política de Ruas Abertas¹⁷ (fechamento de ruas aos domingos para carros) pelo então prefeito da cidade, Fernando Haddad, sofre críticas ainda hoje de pequenos grupos que acreditam que a Paulista deveria voltar “ao que era antes”. Símbolo da cidade global, do “centro”, a Paulista abriga multinacionais, consulados e espaços culturais.

Com a avenida aberta para as pessoas e não para os carros, a diversidade se mostra, ocupa, constitui um espaço que geograficamente não muda, mas muda em completo o seu significado. Pude experimentar a Paulista em um dia de semana. A primeira coisa que pensei é que se eu tivesse um “pire-paque” ali, no meio da rua, eu provavelmente morreria. Afinal, ninguém me via. Eu era invisível. Confesso que não me senti mal com isso, apenas vivenciei na pele o que é não ser vista no meio da massa. Eu não me esforcei em nenhum momento a procura desta sensação. Ela surgiu com poucos minutos de caminhada. Sensação contrária a esta, mas também “surgida” sem esforço,

¹⁶ A página do local pode ser visitada no facebook (https://www.facebook.com/pages/Viaduto-Do-Brooklyn/692485397614648?ref=br_rs) apesar de algumas informações relativas à localização estarem divergentes. Acredita-se que se deva ao fato de ser algo constituído pelos próprios frequentadores nas redes sociais.

¹⁷ <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/decretos/D57086.pdf>

a experiência de estar caminhando na Paulista Aberta (domingo), eu, estrangeira que tenta captar todos os sentidos para entender porque aquele “mesmo” espaço era tão diferente no domingo, me senti “vista”. Mais do que isso, me senti acolhida. Por que, naquele espaço, qualquer expressão era bem vinda.

No domingo, a diversidade parece ser “mais bem vinda” do que durante a semana. Não estou bem certa do que realmente significa ser “mais bem vinda” – expressão esta inventada aqui e não muito agradável para os estudiosos da língua portuguesa. Acho que é por que o “bem vinda” durante a semana diz respeito à uma certa noção de empatia que alguns ainda mantêm. Mas fica claro naquele lugar, durante a semana, que algumas expressões não são bem vindas, ou não são “vistas com bons olhos”. Engravatados correndo de um lado pro outro – em uma mão um café e na outra, um celular (e eu, a *flâneur* tentando resistir a esse “tempo corrido” por si só já era um alienígena naquele espaço); estudantes e trabalhadores apressados a pegar o ônibus com muitas bolsas e mochilas (penso eu: a vida em São Paulo, quando se passa muitas horas fora de casa, deve ser preciso carregar muitas coisas...). A Paulista durante a semana parece não mostrar um tempo que seja diferente daquele onde as pessoas não conseguem se olhar. Ou talvez, a inquietação não seja de “não mostrar o tempo” (mostra, porque não pode dá-lo). Talvez seja porque a Paulista durante a semana, seja uma amostra/recorte da vida urbana nas grandes cidades, acolhe algumas vidas mais do que outras. Às outras, tenta-se dizer que ali não se tem vez, não é seu espaço e você não sobreviverá. “Passe correndo por aqui, por favor”.

Aos domingos, se produz uma outra coisa, um outro espaço. Os que não querem compartilhar essa produção, não chegam ali ou simplesmente saem. Não ocupam. Mas quem ocupa, quer compartilhar, mostrar ou aprender a conviver com a diversidade.

Experimentar a massa e a multidão. A Paulista durante a semana em horário comercial e aos domingos. Entendemos que massa é uma junção de pessoas onde a singularidade não importa. Já para a multidão, as singularidades se fazem presentes. E além da singularidade dos indivíduos, cada corpo potente tem em si a própria multidão de singularidades. Nos inspira Antonio Negri (2004) quando relaciona os conceitos de massa e multidão à ideia de imanência:

(...) o pensamento da modernidade opera de maneira bipolar: abstraíndo, por um lado, a multiplicidade das singularidades, unificando-a transcendentalmente no conceito de povo, e dissolvendo, por outro lado, o

conjunto de singularidades (que constitui a multidão), para formar uma massa de indivíduos. (...) A teoria da multidão exige, ao contrário, que os sujeitos falem por si mesmos: trata-se muito mais de singularidades não-representáveis que de indivíduos proprietários (NEGRI, 2004, p. 15)

Para o autor, a multidão não pode ser apreendida ou explicada. “Desafia qualquer representação por se tratar de uma multiplicidade incomensurável” (NEGRI, 2004, p.17). “Entrecruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão, os corpos se mesclam, mestiçam-se, hibridizam-se e se transformam; são como ondas do mar em perene movimento, em perpétua transformação recíproca” (NEGRI, 2004, p.21).

Esta ideia corrobora com a corpografia de Jacques quando, em relação à experiência urbana, “esta também se inscreve como ação perceptiva e, dessa forma, sobrevive e resiste no corpo de quem a pratica” (JACQUES, 2009, p.132). A experiência urbana que vivemos, de alguma maneira, é inscrita em nosso corpo e compõe a multidão em nós. Diferentes experiências podem ser inscritas no corpo e resultarem em diferentes corpografias. Mas o que significa “viver a multidão” no domingo na Paulista? Acredito que não haja dúvidas que o exercício da diversidade (mostrando, convivendo, se afetando com ela) interfira na vida de cada um. Mas de que forma isso acontece? Qual a importância de um espaço como aquele (e como tantos outros similares pelo mundo) tem para as pessoas?

Jacques nos alerta que “os espaços vividos da cidade, as memórias urbanas, resistem, assim, nesses corpos moldados pela sua experiência, ou seja, resistem nas corpografias resultantes de sua experimentação” (JACQUES, 2009, p.136). Mais adiante, coloca:

Estas corpografias urbanas de resistência que são estas cartografias da vida urbana não espetacular inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto espetacular, explicitando as micropolíticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são percebidas pela maioria dos estudos urbanos mais tradicionais (JACQUES, 2009, p.137).

A autora em nota de rodapé elucidada que a resistência citada no trecho diz respeito às “corpografias enquanto possibilidade de resistência à espetacularização” (JACQUES, 2009, p.137). Espetacularização esta que está relacionada aos espaços que não podem ser vividos/experimentados (talvez apenas visto, tal qual a grama que não é possível

pisar), ao corpo mercadoria cujo movimento na cidade é utilitário, a cidade-shopping e etc.

Na leitura de Ferreira (2011) “a cidade e o corpo estão em processo interativo de geração de sentido constante, o que implica ‘reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade dos seus habitantes’”(JACQUES, 2008, p.187 *apud* FERREIRA, 2011, p. 92). O empobrecimento da experiência urbana leva ao empobrecimento da corporalidade onde os “espaços urbanos tornam-se simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados” (BRITTO; JACQUES, 2009, p.340).

A relação entre corpo e cidade constitui não só a subjetividade mas também o espaço significativo no qual já foi suscitado neste texto. Se estes dois elementos são constituídos em “uma via de mão dupla” podemos indagar o quanto o espaço projetado e/ou produzido podem compor a determinação social da saúde de maneira a pensar como esta relação interfere na vitalidade dos indivíduos. O espaço produzido não é aquele estático e fixo (geográfico) mas aquele instável e em movimento. “O espaço é lugar praticado” (CERTEAU *apud* JACQUES, 2006).

Se o espaço é produzido a partir “da prática” e essa prática exercida através da ocupação, da experiência do corpo em movimento na cidade – que é uma ação imanente ligada à materialidade física, corporal, que contrasta com uma pretensa busca contemporânea do virtual, material, incorporeal (JACQUES, 2006, p.121), é possível deduzir que a vida urbana pode produzir diferentes saúdes ou adoecimentos dependendo de como essa experiência se inscreve no corpo e como esse corpo, que pode conter diferentes corpografias como já falado anteriormente, lê a cidade, inscreve outras corpografias e produz os espaços no coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio utilizou de uma experiência vivida pela pesquisadora na avenida Paulista em dia de Paulista Aberta como suporte contextual para a sua produção. Colocou em análise o processo de produção deste texto no primeiro capítulo resgatando alguns elementos que marcaram “o corpo” da pesquisadora ao longo do tempo. Quando em análise, ajudam a entender as decisões epistemológicas ao longo do caminho, como também entender o próprio processo de produção textual, algo importante na carreira acadêmica.

O texto apoia o deslocamento do objeto de estudo, antes, pautado no tema das práticas corporais, para a relação entre corpo e cidade a partir da ideia de uma *flânerie*, especialmente aquela que vem da leitura de alguns autores sobre os textos de Walter Benjamin.

Os elementos suscitados a partir do exercício da *flânerie* na Paulista trazem a ideia de uma produção do corpo para a luta e para a resistência como diversidade. A Paulista Aberta abriga a diversidade e coloca “homens verde-oliva” e mulheres artistas que desafiam o concreto no mesmo cenário. A periferia e o centro se misturam no mesmo espaço – evento este que parece politicamente significativo. A Paulista Aberta aparece como um corpo feminino, suave e radical na criação de si e da cidade, em oposição tensa com uma Paulista masculina, de fluxos capitalísticos, de formas torneadas pela estética da guerra, do combate ao que lhe provoca alteridade.

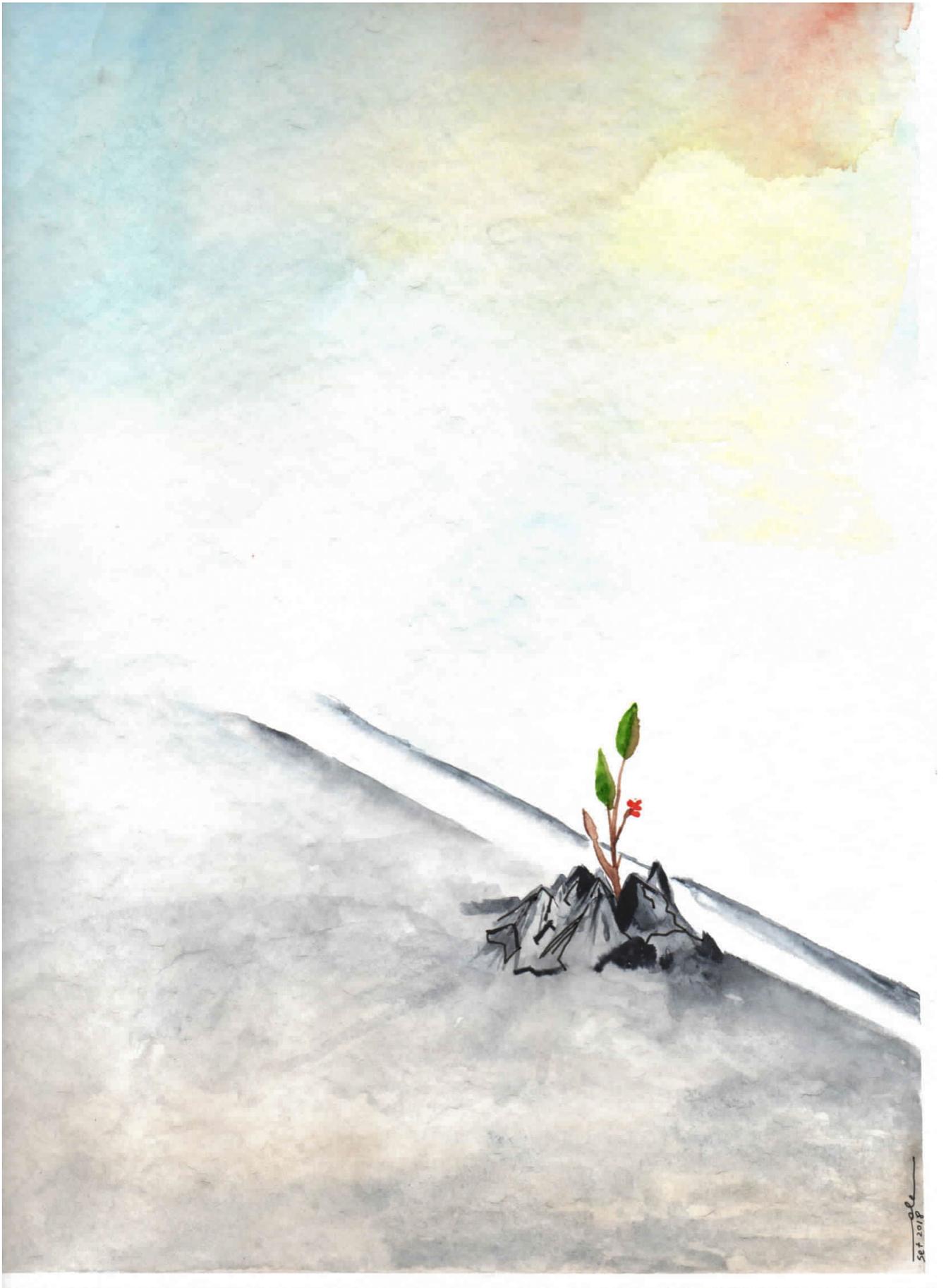
Abrir a Paulista para as pessoas não só libera a avenida para diferentes formas de ocupação, como também ensina novas formas de ocupação. O programa de educação no trânsito instalado na avenida aos domingos, além de permitir que ciclistas e pedestres aprendam a conviver (e acredito que muitas daquelas pessoas também estarão em veículos motorizados em algum momento), mostra uma Paulista Aberta que pode ser dispositivo pedagógico para outras formas de interação entre corpo, cidade e as políticas de urbanização.

A Paulista Aberta é a imagem da resistência, da diversidade e da alteridade. Mas ela é assim porque as pessoas a produzem assim. Ocupam, transformam, convivem. Dão sentido e significado para o espaço que se constitui desta maneira. De nada adianta

apenas uma política que institui ruas fechadas para os carros e abertas para as pessoas aos domingos se não houver a “prática” do espaço pelas pessoas que o constituem.

A curiosidade por entender de que forma espaços como a Paulista Aberta interferem na saúde daqueles que o praticam e os constituem podem compor futuros estudos que produzem conhecimento situado no “borrão” entre os temas do corpo, da cidade e da saúde para além de mensurações físicas (dos corpos e das cidades), mas na subjetividade produzida nesta relação.

O corpo feminino da cidade, aberto e dependente da alteridade, gera potência para novos modos de existir, novas saúdes na cidade. Retomando ao início, o feminino da cidade suscita a capacidade artista de cada um e cada uma. Com uma cidade aberta à alteridade, os desenhos fissuram o concreto e a “brotação” se faz a partir da diversidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Walter Benjamin - Obras Escolhidas: magia, técnica, arte e política**. 7 ed. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197–221.

BIONDILLO, R. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. [s.l.] Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2014.

BRANDÃO, Ignácio de L. **Paulista Símbolo da Cidade**. Banco Itaú. Editora Unida Artes Gráficas. São Paulo. 1990.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 337–350, 2009.

D'ANGELO, M. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, p. 237–250, abr. 2006.

FERREIRA, M. G. Corpo/Cidade: uma corpografia do medo. **Contemporânea**, v. 9, n. 2, p. 86–98, 2011.

FONTES, J. B. O corpo e sua sombra (prefácio). In: SOARES, C. L. (Ed.). . **Corpo e História**. 4ª ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2011.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V. (Eds.). . **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis -RJ: [s.n.]. p. 28–40.

JACQUES, P. B. Elogio aos errantes. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. (Eds.). . **Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 117–139.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, M. P.; ROUCHOU, J.; OLIVEIRA, C. DE (Eds.). . **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 129–139.

KINCHELOPE, J. L.; MCLAREN, P. Repenando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). . **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 281–313.

LE BRETON, D. **Entrevista**. Disponível em: <https://www.diariodesevilla.es/ocio/Guardar-silencio-caminar-resistencia-politica_0_1183081790.html>. Acesso em: 5 jul. 2018.

MASSAGLI, S. R. Homem da multidão e o flâneur no conto “ O homem da multidão ”

de Edgar Allan Poe. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 12, n. 12, p. 55–65, 2008.

MONTERO, P. Passagens na metrópole paulistana do século XXI. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 82, p. 191–199, nov. 2008.

NEGRI, A. Para uma definição ontológica da multidão. **Lugar Comum**, n. 19/20, p. 15/26, 2004.

ORTIZ, R. Walter Benjamin e Paris individualidade e trabalho intelectual. **Tempo Social; Rev. Sociol. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo**, v. 12, n. 121, p. 11–28, 2000.

PELLANDA, N. M. C. **Maturana e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEREIRA, M. DE A. et al. Pedagogia performativa e seus não-lugares: reverberações da khôra a partir de Platão, Derrida e Agamben. **Educar em Revista**, v. 34, n. 67, p. 121–137, fev. 2018.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina / Editora da UFRGS, 2011.

SILVA, A. M. Verbete: Corpo. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Eds.). . **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 99–100.

SOLNIT, R. **A história do caminhar**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WEARING, B.; WEARING, S. Refocussing the tourist experience: the flâneur and the choraster. **Leisure Studies**, v. 15, n. 4, p. 229–243, 1996.